



Biblioteca Mundial  
de la Poesía  
UAEMEX



**UAEM** | Universidad Autónoma  
del Estado de México



JOAQUIN MARÍA  
MACHADO DE ASSIS

Gazeta de Holanda  
1888

N.º 1  
1.º DE NOVEMBRO DE 1886.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Um doutor da mula ruça,  
Caolho, coxo e maneta,  
É o homem que se embuça  
No papel desta gazeta.

Gazeta que, se tivesse  
Outra forma, outro formato,  
Pode ser que merecesse  
Vir com melhor aparato.

Mas é modesta, não passa  
De uma folha de parreira,  
Que dá uva, que dá passa,  
Que dá vinho e borracheira.

Traz programa definido,  
Para entrar no grande prélio;  
Nem bemol, nem sustenido,  
Nem Caim, nem Marco-Aurélio.

Não traz idéias modernas,  
Nem antigas; não traz nada.  
Traz as suas duas pernas,  
Uma sã, outra quebrada.

E vem, como é de ciência,  
Entre muletas segura,



A muleta da inocência,  
E a muleta da loucura.

Se uma não pega, outra pega,  
E fica o corpo amparado;  
Se para um lado escorrega,  
Fica-lhe sempre outro lado.

De modo que, quanto diga,  
Seja ou não o que a lei manda,  
Há de achar entrada amiga  
Esta Gazeta de Holanda.

Que traga idéias a folha  
Liberal que se anuncia,  
Que as espalhe, que as escolha,  
Como a Reforma fazia.

Vá que seja — posto seja  
Tarefa das mais reversas,  
Fazer uma só igreja,  
De tantas seitas diversas.

A prova é que, ainda agora,  
Já pronta a bagagem sua,  
Somente esperando a hora  
De sair a folha à rua,

Feito um capítulo apenas,  
De tão diversos capítulos,  
E, contando boas penas,  
Já traz a folha dois títulos.

Voz da Nação, ou — Gazeta  
Nacional; só falta a escolha.  
Já principia a marreta,  
Antes de sair a folha.

Eu cá, perfeita unidade.  
Ora aprovo, ora contesto,  
Sem que haja necessidade  
De ouvir protesto e protesto...



Exemplo: ao ler que se trata  
De fazer um edifício  
Para o júri: — colunata,  
Vasto e grego frontispício,

E que esta idéia bizarra  
Nasceu mesmo agora, agora,  
Quando foi ali à barra  
Uma distinta senhora;

Quando a afluência de gente  
Era tal, que o magistrado  
Teve de ir incontinente  
Pedir sabão emprestado;

Comigo disse: — Bem feito  
Que a Joanhinha expirasse  
De uma moléstia do peito,  
E que a Eduarda cegasse.

Só assim tínhamos prédio  
Para um tribunal sem nada;  
Não foi morte, foi remédio;  
Foi vida, não foi pancada.

Pangloss, o doutor profundo,  
Mostra que há grande harmonia  
Entre as cousas deste mundo,  
Entre um dia e outro dia;

Que os narizes foram dados  
Para os óculos; portanto,  
Trazem óculos pousados...  
Pangloss é o meu padre-santo.

Logo, se uma e outra escrava  
Brigaram sem sentimento,  
A razão de ação tão brava  
Foi termos um monumento.

Neste ponto o ponto pingo,  
E despeço-me no ponto  
Em que cada novo pingo,



Já não é ponto, é posponto.

N.º 2

5 DE NOVEMBRO DE 1886.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Muito custa uma notícia!  
Que ofício! E nada aparece,  
Que cansa e que perícia!  
Que andar desde que amanhece!

E tu, leitor sem entranhas,  
Exiges mais, e não vês  
Como perdemos as banhas  
Em te dar tudo o que lê.

És assim como um janota  
De maneiras superfina,  
Que não sabe o preço à bota  
Com que cativa as meninas.

Agora mesmo, buscando  
Saber de associação  
Que se deu ao venerando  
Ofício de proteção

Aos animais — não sabia  
Onde achasse os documentos  
Dessa obra de simpatia,  
Para transmiti-la aos ventos.

Achei quatrocentas atas  
De reuniões semanais,  
Ofícios, notas e datas,  
Tudo espalhado em jornais.

Mas das ações praticadas  
Em favor da bicharia,  
E das vitórias ganhadas,  
Nada disso conhecia.



Então lembrei-me de um burro,  
Sujeito de algum valor,  
Nem grosseiro nem casmurro,  
Menos burro que o senhor.

E pensei: “Naturalmente  
Traz toda a historia sabida;  
É burro, há de ter presente  
A proteção recebida”

Lá fui. O animal estava  
Em pé, com os olhos no chão,  
Tinha um ar de quem cismava  
Cousas de ponderação.

Que cousas, porém, que assunto  
Tão grave, tão demorado,  
Ocupava o seu bestunto,  
Nada lhe foi perguntado.

Talvez, ao ver-se assim magro,  
Cativo como um nagô,  
Pensasse no velho onagro,  
Que foi seu décimo avô.

Entrei, dizendo-lhe a causa  
Daquela minha visita;  
Ele, depois de uma pausa,  
Como gente que medita,

Respondeu-me: — Em frases toscas  
Mas verdadeiras, direi,  
Enquanto sacudo as moscas,  
Tudo o que sobre isto sei.

Juro-te que a sociedade,  
Contra os nossos sofrimentos,  
Tem obras de caridade,  
Tem leis, tem regulamentos.

Tem um asilo, obra sua,  
Belo, forte, amplo e capaz;  
Já se não morre na rua,



Dá-se ali velhice e paz.

Gozam dessa benta esmola,  
Em seus quartos separados,  
Mais de uma onça espanhola,  
E muitos gatos-pingados.

Todos os galos na testa  
Acham lá milho e afeição;  
Lá vive tudo o que resta  
Da burra de Balaão.

Mora ali a vaca fria.  
E mais a cabra Amaltéia,  
Única e só companhia  
Do pobre leão de Neméia.

Não posso fazer eclipse  
Dos bichos caretas, nem  
Da besta do Apocalipse,  
Que ali seu abrigo têm.

E o cisne de Leda, e um bode  
Expiatório, e o cavalo  
De Tróia, escapar não pode;  
Mas há outros que inda calo.

Peguei no papel, e a lápis  
Escrevi tudo, e escrevi  
Mais o nome do boi Ápis,  
Que ele inda me disse ali.

E perguntei: — Meu amigo,  
Por que é que a tantos amaina  
O tempo, naquele abrigo,  
E você anda na faina?

Ele, burro circunspecto,  
Asno de boa feição,  
Tirou de fino intelecto  
Esta profunda razão:

— Se eu estivesse ali junto



Com outros da minha banda,  
Você não tinha este assunto  
Para a “Gazeta de Holanda”.

Vá consolado: que importa  
Que eu viva cá fora ou lá?  
Qualquer porta há de ser porta,  
Para sair; vá, vá, vá.

E enquanto assim me dizia  
frases que chamava toscas,  
Chagas de pancadaria  
Iam convidando as moscas.

Lá o deixei como estava,  
Em pé, com os olhos no chão,  
Parecendo que cismava  
Cousas de ponderação.

N.º 3  
12 DE NOVEMBRO DE 1886.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Aqui está, em folhas várias,  
Uma cousa que se presta  
A notas e luminárias.  
Aqui vai a cousa, é esta:

— Na rua Larga se aluga,  
Em bom estado, uma beca. —  
Parece uma simples nuga,  
E é mais que uma biblioteca.

Eis aqui o que eu diria:  
Há nesta beca alugada  
Uma idéia que devia,  
Há muito andar publicada.

Primeiramente, repare  
Que esta beca não se vende



Por preço barato ou caro;  
É que, alugada, mais rende.

Comprá-la, era possuí-la;  
Alugá-la, é só trazê-la,  
Usá-la e restituí-la,  
Sem rompê-la ou descosê-la.

Não haverá neste caso  
Um sintoma? Não parece  
Que a beca tomada a prazo  
Uma lição oferece?

Que, sem correr Seca e Meca,  
Muita gente delicada,  
Assim como traz a beca,  
Traz a ciência alugada?

Que, sendo esta leve e pouca,  
Apenas meia tigela  
Não chega a entornar da boca,  
E pouco pedem por ela?

Que, inda mesmo sendo um quarto  
De tal tigela, e não meia,  
Parece falar de fato  
Quem fala de boca cheia?

E que esse pouco, bastando  
A que o locatário almoce,  
É tolice andar estando  
Ciência de sobreposse?

Nada sei; mas ofereço  
A toda a pessoa séria  
Este problema de preço  
E passo a outra matéria.

Escreve um correspondente  
Cholera-Morbus chamado:  
“Conto que proximamente,  
Malvólio, estou ao teu lado.



“Aqui nesta Buenos-Aires,  
Terra de belas meninas...  
Que salero e que donaires!  
Que formosas Argentinas!

“Aqui, por mais que me esbofe,  
Levo uma vida vadia;  
Esperava um rega-bofe  
E vou de pança vazia.

“Quando mato uma pessoa,  
Surge-me logo uma junta,  
Que a declara viva e boa,  
Por mais que a deixo defunta.

“Negam-me tudo; o meu ato,  
O nome, e até a existência;  
Chamam-me simples boato  
Sem razão nem consistência,

“Aborrecido com isto,  
Determinei ir-me embora  
Por esse mundo de Cristo;  
Estou aqui, estou lá fora.

“Aí me vou, caro mio,  
Só não sei de que maneira,  
Se diretamente ao Rio,  
Se atravessando a fronteira.

“Ir por água é arriscado  
A dar com o nariz na porta;  
Se achar o porto trancado,  
Eu fico de cara torta.

“Enfim, veremos... Espero  
Que, de um modo ou de outro modo,  
Lá, entre; e aqui te assevero  
Que com pouco me acomodo.

“Saudade, tenho saudade  
De outr'ora. Há mais de trinta anos



Que andei por essa cidade  
Com grandes passos ufanos.

“Mudou tudo? Existe ainda  
O teatro Provisório?  
Onde está Lagrua, a linda  
Que teve um lapso amatório?”

“O gordo Tatti? O magano  
Ferrari? A Charton divina?  
Vive ainda o João Caetano?  
Vive ainda a Ludovina?”

“A Loja do Paula Brito  
Mudou de dono ou de praça?  
Paranhos, grave e bonito,  
Vive ainda? Vive o Graça?”

“Mora ainda no Rocio  
Muita família? O teatro  
Tem inda o mesmo feitio?  
São ainda os mesmos quatro?”

“Publica-se inda o elegante  
Mercantil? Que faz? Que escreve  
Maneco? e o Muzzio? e o brilhante  
Alencar de estilo leve?”

“Vou vê-los todos, e juro  
Em honra aos dias passados,  
Que ao meu golpe áspero e duro  
Serão poupados, poupados...”

N.º 4  
17 DE NOVEMBRO DE 1886.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Que será do novo banco?  
Interroga toda a gente;  
Respondem uns que um barranco,



Outros dizem que uma enchente.

Certo é que andaram milhares  
De contos, contos e contos,  
Uns por terra, outros por mares  
Contos de todos os pontos.

Caíam como sardinhas,  
Pulavam como baleias;  
Aí belas ambições minhas!  
Ai sonho, que me incendeias!

E o Holman, o forte e ledó  
Inglês abrasileirado,  
Contemplava o Figueiredo,  
Que olhava, grave e barbado.

Supunha que muita gente  
Viesses; mas gente tanta  
Não cuidavam certamente...  
Obra abençoada e santa!

Da empresa, ora começada,  
Há quem diga maravilhas;  
Muita idéia cogitada;  
Ouro a granel, ouro em pilhas.

Circulação recolhida,  
Câmbio a vinte e seis ou sete,  
Mudança da antiga vida,  
Outra cara, outro topete.

Ai, sonho! ai, diva quimera!  
Pudesse eu entrar na dança!  
Ai viçosa primavera!  
Ai verde flor da esperança!

Nem eu, nem o meu compadre  
Eusébio Vaz Quintanilha,  
Que, por mais que corra e ladre,  
Nenhum grande emprego pilha.

Que, para matar a fome,



Vem matá-la em minha casa,  
Sem poder dizer que come,  
Mas que destrói, mata, arrasa.

Pobre Quintanilha! Um anjo!  
Coitado! Afinal parece  
Que lá teve algum arranjo  
Que lhe dá certo interesse.

Há já dias que o não via;  
Onde iria o desgraçado?  
Quem sabe se morreria,  
Faminto, desesperado?

Eis que ontem, quando passava  
Pela rua da Quitanda,  
E nos negócios cismava  
Desta Gazeta de Holanda,

Lá no outro lado da rua  
Uma figurinha pára;  
Trazia a cabeça nua,  
Bacia, opa e uma vara.

Era o pobre... Deu comigo  
E veio, em quatro passadas,  
Ao seu delicado amigo  
Apertar as mãos pasmadas.

— “És andador de irmandade?  
Aprovo os teus sentimentos  
De devoção, de piedade...  
Toma um níquel de duzentos”.

— “Não, Malvólio, não, não ando  
Como um andador professo...”

— “Andador de contrabando?”

— “Também não; ouve, eu t’o peço.

“Esta opa, esta bacia  
Alugo a alguma Irmandade:  
Dou cinco mil réis por dia,  
E corro toda a cidade.



“Varia o lucro, segundo  
Dou mais ou menos às pernas;  
Não escandalizo o mundo  
E mato as fomes eternas.

“Rende-me oito ou nove, e há dias  
De dez mil réis, dez e tanto.  
Crês? Já faço economias,  
Já deito algum cobre ao canto.

“É este o meu banco. O fundo  
É variável, mas certo;  
Deus dá banco a todo o mundo;  
Uns vão longe, outros vão perto.

“Eu cá não ando com listas  
De ações, nem faço rateio;  
Todos são meus acionistas,  
Gordo ou magro, lindo ou feio.

“Que um só vintém esmolado  
Vale no céu muitos contos;  
E há muito vintém cobrado...  
Vinténs de todos os pontos!”

N.º 5  
21 DE NOVEMBRO DE 1886.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Com franqueza, esta Bulgária  
Vai-me esgotando a paciência;  
Lembra a ilha Baratária,  
Onde, após uma audiência,

Sancho, que naquele dia  
Começara a governá-la,  
Foi, com muita cortesia,  
Levado a uma grande sala.

Tinha uma fome de rato



O governador recente,  
E viu prato, e prato, e prato,  
Prato de atolar o dente.

Quanto manjar, quanto molho,  
Não direi, por mais que diga;  
Só a vista enchia o olho...  
Restava encher a barriga.

Mas tão depressa acudia  
Algum servo respeitoso,  
Trazendo-lhe uma iguaria  
De cheirinho apetitoso,

Um doutor, que se postara  
Ao lado, sem mais demora  
Fazia um gesto co'a vara,  
E ia-se a iguaria embora.

Afinal, pergunta o Sancho  
Que era aquela caçoada.  
Responde o doutor, mui ancho,  
Que nada, não era nada.

Que, como ele tinha a cargo  
A sua saúde e vida,  
Cabia-lhe pôr embargo  
A uma ou outra comida.

— “Bem, então dê-me essas belas,  
Maravilhosas perdizes”.

— “Livre-o Deus de tocar nelas,  
Nem de chegar-lhe os narizes”.

— “Mas, aquele gordo coelho  
Espero que me não negue”.

— “Senhor, o melhor conselho  
É que nem sequer lhe pegue”.

— “Naquele prato travesso  
Cuido que há olha-podrida”.

— “Não coma, por Deus lh'o peço!  
Aquilo espatifa a vida.



“Deixe Vossa Senhoria  
A cônegos e a reitores  
Essa péssima iguaria  
Que tanto estraga os humores”.

E o pobre Sancho com fome,  
Por mais que lhe dê na gana,  
Tudo pede e nada come,  
Até que se desengana.

Assim anda a tal Bulgária;  
Elege, mas não elege,  
Pois, como na Baratária,  
Há um doutor que a protege.

“Este príncipe!” — “Não presta;  
Faz-lhe mal aos intestinos”.  
— “Est'outro?” — “Escolha funesta”.  
— “Aquel'outro?” — “Um valdevinos.

“Para os seus humores basta  
Este da Mingrélia; é moço,  
Boa cara e boa casta;  
Demais, pertence ao colosso”.

E a Bulgária, se há de os braços  
Estender e recebê-lo,  
Fazendo assim com abraços,  
Em vez de a murros fazê-lo,

Timeos Danaos, et dona  
Ferentes, pensa consigo;  
E com ar de valentona,  
Recusa o presente amigo.

Bulgária dos meus pecados,  
Imita o meu pobre Sancho,  
Que, vendo os pratos negados,  
Agarrou um pão a gancho.

Um pão seco e frescas uvas,  
Acaba essas longas bodas.  
Já tens véu, grinalda e luvas,



Escolhe uma vez por todas.

E, tomando a liberdade  
De te chamar D. Amélia  
(Ó rima! Ó necessidade!)  
Bulgária, escolhe o Mingrélia!

N.º 6  
28 DE NOVEMBRO DE 1886.

Voilà ce que l'on dit moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

"Tu és Cólera, e sobre esta  
Doença amiga edifico  
A minha igreja, e uma sesta  
Perpétua, em ficando rico".

Assim me dizia o Bento  
Da Silva Luz, boticário,  
Inventor de um cozimento,  
Inócuo e pecuniário.

E, vendo que eu o escutara,  
Cheio de alegria e riso,  
Como alguém que se prepara  
A ter igual paraíso,

Quis saber qual fosse a causa  
Daquela expressão ridente;  
Eu, depois de certa pausa,  
Disse-lhe naturalmente:

— "Quando cogito em que a peste  
Pode entrar por nossa casa,  
Cuido no favor celeste  
Que trará pendente na asa.

Deu ela entre alienados  
De Buenos-Aires, matando  
Metade dos atacados,



E nova gente atacando.

Cada telegrama conta  
Dois, três, cinco, oito, dez loucos,  
Que ficam de mala pronta  
E vão deixando isto aos poucos.

Não tarda que o derradeiro  
Hóspede saia do asilo  
E fique o edifício inteiro  
Despovoado e tranqüilo.

E calcule agora a soma  
De palácios encantados,  
Feitos de nácar e goma,  
Telhados e destelhados;

Calcule os pássaros feios  
De asas longas, longas pernas,  
Que encham por todos os meios  
As frias noites eternas;

Calcule as meias idéias  
Feitas de meias lembranças,  
E a meia luz das candeias,  
E a meia flor de esperanças;

E as gargalhadas sem boca,  
Ouvidas perpetuamente,  
Ora claras, ora roucas,  
E as conversações sem gente.

Farrapos de consciência,  
Cozidos pelo delírio,  
E uma enorme concorrência  
De patuscada e martírio;

Calcule agora essa vida  
De doidos enclausurados,  
De repente interrompida,  
E os corpos amortalhados.

Nem sempre a peste é moléstia,



Sacramentos e ataúde;  
Aos doidos vale uma réstia  
De inesperada saúde.

Por isso é que, quando penso  
Naquele monstro terrível,  
Acho um benefício imenso,  
Que o torna bom e aprazível.

E digo: Oh! abençoado  
Destino que tal prescreve!  
Que haja ao pé do alienado  
A epidemia que o leve!”

N.º 7  
6 DE DEZEMBRO DE 1886.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

A lei darwínica é certa  
Inda em acontecimentos...  
Não fiquem de boca aberta,  
Vão vê-lo em poucos momentos.

Há nelas a mesma luta  
Pela vida, e de tal arte  
A crua lei se executa,  
Que é a mesma em toda a parte.

Há seleção, persistência  
Do mais capaz ou mais forte,  
Que continua a existência,  
E os outros baixam à morte.

Demonstro: — O famoso caso  
Da escola e pancadaria,  
Caso que pôs tudo raso,  
Tudo, até a epidemia.

Tal foi ele que, tomando



Todo ou quase todo o espaço,  
Foi de um trago devorando  
Quanto lhe embargava o passo.

Escapou a Cantagalo,  
Por trazer comprido bico,  
Unha capaz de matá-lo,  
Peito largo e sangue rico.

Mas, por um só que resiste,  
Quantos passaram calados  
Na penumbra vaga e triste  
Dos seres mal conformados!

Cito dois — um pequenino,  
Um telegrama celeste,  
Oficial e argentino  
Sobre os destroços da peste.

Dava os óbitos do dia,  
De modo tão encoberto,  
Que o duvidoso morria  
E só escapava o certo.

— “Rua tal: um duvidoso,  
Outro duvidoso ao lado...”  
Pois, com ser tão engenhoso,  
Foi lido e não foi guardado.

Segundo caso: o de Arantes,  
Arantes, a testemunha,  
Que os juízes implicantes  
Cuidam de pegar à unha.

Porquanto há necessidade  
De ouvir-lhe a palavra de ouro,  
Para saber a verdade  
Do que houve no Matadouro.

Seja pró ou seja contra  
Essa testemunha rara,  
Onde é, onde é que se encontra?  
Onde vive? Onde é que pára?



Mandou-se às partes remotas  
Da cidade, e logo ao centro;  
Foram ao fundo das botas  
E não o acharam lá dentro.

Em Minas? Vá precatório,  
Rápido, para intimá-lo...  
Esforço inútil e inglório!  
Voltou sem lograr achá-lo.

Não sendo encontrado em Minas  
Nem pelas matas cerradas,  
Foram às ilhas Malvinas,  
Ao Congo e ao reino das Fadas.

E bradaram-lhe: — “Ó Arantes,  
Chamado como quem sabe  
O nome aos bois pleiteantes,  
E o mais que no caso cabe;

“Arantes, onde respiras?  
Onde estás? Onde te escondes?  
Na trama das casimiras?  
Chamo-te e não me respondes.

“Talvez no centro da Arábia,  
Talvez na rua da Ajuda,  
Talvez estudando a Fábria,  
Talvez adorando a Buda.

“Donde quer que estejas, corre,  
Acode ao nosso chamado:  
Vem, que, se não corres, morre  
O processo começado”.

E passou esse episódio  
Sem fazer maior barulho  
Do que as saúdes de um bródio  
Na Gávea ou no Pedregulho.

Porque nos próprios eventos  
A lei darwínica é certa.  
Provei-o em poucos momentos,



Não fiquem de boca aberta.

N. 8 14 DE DEZEMBRO DE 1886.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”

E disse o Diabo: — “Fala,  
Que queres ser nesta vida?  
Antonino ou Caracala?  
Capucho ou jardins de Armida?”

“Escolhe, e verás, Malvólio,  
Tudo o que quiseses; pede  
Um sólio, e terás um sólio,  
Pede um culto, e és Mafamede”.

E eu, respondendo-lhe, disse  
Que nem tronos nem altares;  
Que, na minha mandriice,  
Tinha sonhos singulares.

Ou antes, um sonho apenas,  
Um só desejo, um só, único,  
Mais velho que a velha Atenas,  
Mais velho que um vintém púnico.

Não era ter a coroa  
Do Egito nem da Bulgária,  
Nem ver as moças de Goa,  
Nem ter os beijos da Icária,

Nem dormir o dia inteiro  
Em tapetes persianos,  
Sentindo o vento fagueiro  
De numerosos abanos.

Digo abanos meneados  
Por muitas damas formosas,  
Feitos de fios delgados  
De palma, e plumas, e rosas.



Nem comer em pratos de ouro  
Figos secos da Turquia,  
Acompanhados do louro  
Néctar que há na Andaluzia.

Nem possuir as estrelas  
Que são tão minhas amigas,  
Para um dia convertê-las  
Em meias-dobras antigas.

Pois tudo isso, e o mais que pode  
Entrar no mesmo cortejo  
Duvido que se acomode  
Ao meu íntimo desejo.

Sabes tu o que eu quisera?  
Quisera ser cartomante,  
Dizer que espere ao que espera,  
E dizer que ame ao amante.

Saber de cousas perdidas,  
Saber de cousas futuras,  
De verdades não sabidas,  
De verdades não maduras.

Se uma senhora é amada,  
Saber de cousas futuras,  
De verdades não sabidas,  
De verdades não maduras.

Se uma senhora é amada,  
Ou se há lá na costa mouras;  
Se a costureira — casada —  
Chega a depor as tesouras.

Quem é certo moço que anda  
De chapéu branco e luneta,  
E algumas vezes lhe manda  
Lembranças por uma preta.

Se a mulher de um diplomata  
Vive enredando as pessoas...  
Se há de esperar certa data...



Se as filhas hão de ser boas...

Onde pára uma pulseira,  
Um recibo, um cachorrinho...  
Se a neta da lavadeira  
Bifou algum colarinho...

Se há de morrer de um inchaço  
Que traz na perna direita...  
Ou se a luxação de um braço  
Pode deixá-la imperfeita...

Tudo isso, e o mais que não cabe  
Em verso rápido e breve,  
E que a cartomante sabe,  
Sabe, conta, e não escreve.

É o meu desejo. E tenho  
Que, se essa cousa me ensinas,  
Serei, com o meu engenho,  
O doutor destas meninas,

Que a nós outros coube em sorte  
Política e loteria,  
Cousas que têm, como a morte,  
Mistério e melancolia.

Mas que hão de fazer as damas  
Com a alma incendiada  
Das mesmas secretas flamas  
E ao mesmo abismo inclinada?

Procuram timidazinhas  
Aqueles claras vivendas  
E crescem as adivinhas,  
Não dão para as encomendas.

Pois se tu, Diabo amigo,  
Me pões capelo de mestre,  
Juro-te que dás comigo  
No paraíso terrestre.

Cá virão as Evas novas,



Inquietas, desordenadas,  
Pedir-me, com ou sem provas,  
As verdades mascaradas.

E olha que farei no ofício  
Notáveis melhoramentos,  
Tapetes, largo edifício,  
E o preço — mil e quinhentos.

N.º 9  
21 DE DEZEMBRO DE 1886.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

À Carmen Silva, à rainha  
Da Rumânia, à delicada,  
Egrégia colega minha,  
Pelas musas laureada,

Pobre trovador do Rio,  
Cantor da pálida lua,  
Esta breve carta envio,  
E aguardo a resposta sua.

Note bem que lhe não falo  
Das suas lindas novelas,  
Nem do plácido regalo  
Que nos dá com todas elas.

Não, augusta e bela moça,  
Não é prosa nem poesia  
O meu assunto ... Ouça, ouça,  
Verá que é sensaboria.

Cá se soube que um partido,  
Que há muito não dava cacho,  
Após combate renhido,  
Tomou ao outro o penacho.

Fez-se isso eleitoralmente;



A gente que não queria  
O partido então vigente,  
Mudou de cenografia.

Se fez bem ou mal, lá isso  
É com ela; a culpa inteira  
Pertence-lhe de o feitiço  
Virar contra a feiticeira.

Mas, como aqui neste canto,  
Não há tal eleitorado,  
Que faça nunca outro tanto,  
E pense em cousas do Estado;

E também porque isto, às vezes,  
Está em qualquer cousa (adágio,  
Que herdamos dos portugueses,  
E tem o nosso sufrágio),

Lembrou-me que poderia  
Obter, por seu intermédio,  
Para uma tal embolia  
O apropriado remédio.

Serão pastilhas? xarope?  
Pílulas de qualquer cousa?  
Um cozimento de hissopo?  
Fricções de madeira e lousa?

Seja isto ou seja aquilo,  
Peço a Vossa Majestade  
Uma amostra, um frasco, um quilo  
Para ensaiar na cidade.

Porque, como ora se trata  
De uma operação sabida,  
Que a gente que se maltrata  
Torna a pôr amada e unida,

Operação que dissolve  
Os grupos mais separados,  
E rapidamente absolve  
Todos os ódios passados;



Quisera, logo que esteja  
Toda a obra recomposta,  
E esta liberal igreja  
De novo aos fiéis exposta,

Quisera ver se, tomando  
A droga rumaica um dia,  
Chegaríamos ao mando  
Pela mesma e larga via.

De outro modo ficaremos  
Nestas náuticas singelas  
De largar o leme e os remos  
E abrir à fortuna as velas.

Eia, pois, augusta musa,  
Mande-me o remédio santo,  
E não vos concedo escusa;  
Quero tirar o quebranto.

Quero ver se, finalmente,  
Depois de tão longa espera,  
A nossa eleitoral gente  
É gente, não é quimera.

Para que depois se queixe  
De si e das culpas suas,  
E por uma vez se deixe  
De murmurar pelas ruas.

Vede, flor das maravilhas,  
Como esta alma pede e roga:  
Mandai-me as vossas pastilhas,  
Pílulas ou qualquer droga.

N.º 10  
10 DE JANEIRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".



Depois de férias tão longas;  
Tão docemente cumpridas,  
Ó musa, minhas candongas,  
Voltemos às nossas lidas.

Assim faz a Pátria, às vezes,  
E é certo que não estoura;  
Descansa um mês ou dois meses  
O nosso C. B. de Moura.

E a Pátria, meia enfadada  
Daquelas extensas férias,  
Volta mais fortificada  
Aos combates e às pilhérias.

Eia, pois, minha gorducha,  
Vê que recomeça a aurora,  
Puxa daqui, puxa, puxa,  
Vamos trabalhar lá fora.

E antes de tudo, inclinando  
O gesto a todos os lados,  
Vai a todos desejando  
Plácidos dias folgados.

Desejarás uma boa  
Vereança aos cariocas,  
Que se não esgote à toa,  
Em longas brigas e mocas;

Que eleja pacatamente,  
Sem atos tumultuários,  
O seu vice-presidente  
E os restantes comissários.

Pouco calor, pouca chuva,  
Nenhuma peste que assole,  
Algum vinho feito de uva,  
E menos gente que amole.

Grandes bailes mascarados  
E passeatas nas ruas,  
Câmaras de deputados



Sem as discussões tão cruas.

Boatos, sobre boatos,  
De modo que quem passeie  
Por esses bonds ingratos  
Tenha cousa que recreie.

E mais que tudo, meu anjo;  
Anjo meu do meu sacrário,  
Desejo um bonito arranjo  
Ao nosso estafado erário.

Não sei se leste a mensagem  
De Cleveland, um documento  
De americana homenagem  
Lá, para o seu parlamento.

Pois conta-se aí (por esta  
Luz do céu minh'alma jura  
Que não é peta funesta,  
Mas pura verdade, pura);

Conta-se que a renda é tanta  
Que urge cortar-lhe os babados,  
Que é demasiada a manta  
Para tão vastos Estados.

Que, se vão nessa carreira,  
Pagam aqueles senhores  
Em breve a dívida inteira,  
E ficarão sem credores.

Depois vem maior excesso  
De renda, e será tamanho  
Que não haverá processo  
De o dar a melhor amanhã,

Porque ou fica no tesouro,  
Inútil, mudo e parado,  
Ou saem carradas de ouro  
Para os delírios do Estado.

Ora bem, estes fenômenos



Dados como desastrosos,  
Terríveis paralipômenos  
De grandes livros lustrosos,

Hás de pedi-los, amiga,  
Mas pedi-los de maneira  
Que uma segunda barriga  
Coma sem dor da primeira.

Es decir, que aquela caixa  
Que ronca de tanta altura,  
Se quiser ficar mais baixa  
Tem receita mais segura:

Pegue em si, tire metade  
E verá como lhe pego,  
Pego-lhe com ansiedade,  
Com ansiedade de cego.

E digo ao Tesouro nosso  
— Amigo, aqui tens dinheiro;  
Precisas deles, aqui posso  
Dá-lo às tuas mãos inteiro.

Vê tu que singular obra  
A deste mundo peralta,  
Geme um — pelo que lhe sobra,  
E outro — pelo que lhe falta.

N.º 11  
20 DE JANEIRO DE 1887

Voilà ce que l'on dit moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Cousas que cá nos trouxeram  
De outros remotos lugares,  
Tão facilmente se deram  
Com a terra e com os ares,

Que foram logo mui nossas



Como é nosso o Corcovado,  
Como são nossas as roças,  
Como é nosso o bom-bocado.

Dizem até que, não tendo  
Firme a personalidade,  
Vamos tudo recebendo  
Alto e malo, na verdade.

Que é obra daquela musa  
Da imitação, que nos guia,  
E muita vez nos recusa  
Toda a original porfia.

Ao que eu contesto, porquanto  
A tudo damos um cunho  
Local, nosso; e a cada canto  
Acho disso testemunho.

Já não falo do quiosque,  
Onde um rapagão barbado  
Vive... não digo num bosque,  
Que é consoante forçado,

Mas no meio de um enxame  
(É menos mau) de cigarros,  
Fósforos, não sei se arame;  
Parati para os pigarros;

Café, charutos, bilhetes  
Do Pará, das Alagoas,  
Verdadeiros diabretes,  
E outras muitas cousas boas.

Mas a polca? A polca veio  
De longas terras estranhas,  
Galgando o que achou permeio,  
Mares, cidades, montanhas.

Aqui ficou, aqui mora;  
Mas de feições tão mudadas,  
Que até discute ou memora  
Cousas velhas e intrincadas.



Pusemos-lhe a melhor graça,  
No título, que é dengoso,  
Já requebro, já chalaça,  
Ou lépido ou langoroso.

Vem a polca: Tire as patas,  
Nhonhô! — Vem a polca: Ó gentes!  
Outra é: — Bife com batatas!  
Outra: Que bonitos dentes!

— Ai, não me pegue, que morro!  
— Nhonhô, seja menos seco!  
— Você me adora?  
— Olhe, eu corro! — Que graça!  
— Caia no beco!

E como se não bastara  
Isto, já de casa, veio  
Cousa muito mais que rara,  
Cousa nova e de recreio.

Veio a polca de pergunta  
Sobre qualquer coisa posta  
Impressa, vendida e junta  
Com a polca de resposta.

Exemplo: Já se sabia  
Que esta câmara apurada,  
Inda acabaria um dia  
Numa grande trapalhada.

Chega a polca, e, sem detença,  
Vendo a discussão, engancha-se,  
E resolve: — Há diferença?  
— Se há diferença, desmancha-se.

Digam-me se há ministério,  
Juiz, conselho de Estado,  
Que resolva este mistério  
De modo mais modulado.

É simples, quatro compassos,  
E muito saracoteio,



Cinturas presas nos braços,  
Gravatas cheirando o seio.

— Há diferença? diz ela.  
Logo ele: — Se há diferença,  
Desmancha-se; e o belo e a bela  
Voltam à primeira avença.

E polcam de novo: — Ai, morro!  
— Nhonhô, seja menos seco!  
— Você me adora? — Olhe, eu corro!  
— Que graça! Caia no beco!

Desmancha, desmancha tudo,  
Desmancha, se a vida empaca.  
Desmancha, flor de veludo,  
Desmancha, aba de casaca!

N.º 12  
5 DE FEVEREIRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Quem diria que o Cassino,  
Onde a fina flor se ajunta,  
Ficaria tão mofino,  
Que é quase cousa defunta?

Aqueles lustres brilhantes,  
Que viram colos e braços,  
Pares e pares dançantes,  
E os ardores e os cansaços;

Que viram andar em valsas,  
Quadrilhas, polcas, mazurcas,  
Moças finas como as alças,  
Moças gordas como as turcas;

Que escutaram tanta cousa  
Falada por tanta gente,



Que eternamente repousa,  
Ou geme velha e doente;

Que viram ir tanta moda  
De toucados e vestidos,  
Vestidos de grande roda,  
E vestidos escorridos;

Ministros e diplomatas,  
E outros hóspedes ilustres,  
E sábios e pataratas...  
Ó vós, históricos lustres,

Que direis vós desse estado,  
Cassino a beira de um pego;  
Melhor direi pendurado  
De um prego, lustres, de um prego?

Deve até o gás, aquele  
Gás que encheu os vossos bicos,  
Que deu vida, em tanta pele,  
A tantos colares ricos.

Deve ordenados, impostos,  
E gastos tão incorretos,  
Que até não foram expostos  
Por diretores discretos.

E vede mais que há ruínas  
No edifício, e é necessário  
Colher muitas esterlinas  
Para torná-lo ao primário.

E há mais, há a idéia nova  
De alguns acrescentamentos,  
É pôr o Cassino à prova  
Com outros divertimentos.

Oxalá que a cousa saia  
Como se deseja. Entanto  
Posto que a reforma atraia,  
Acho outro melhor encanto.



Não basta que haja bilhares,  
Conversações e leituras  
Partidas familiares,  
E algumas outras funduras.

Preciso é cousa mais certa,  
Cousa que dê gente e cobres,  
Disso que chama e que esperta  
Vontades ricas e pobres!

Não digo elefante branco,  
Nem galo de cinco pernas,  
Nem a ossada de um rei franco,  
Nem luminárias eternas.

Mas há cousa que isso tudo  
Vale, e vale mais ainda,  
Cousa de mira e de estudo,  
Cousa finda e nunca finda.

Que seja? Um homem. E que homem?  
Um homem de Deus, um Santos,  
Que entre as dores que o consomem  
Não esquece os seus encantos.

Esse general que estava  
Há pouco em Paris, e voa  
Quando apenas se curava.  
Voa por mais que lhe doa,

Voa à pátria, onde uns pelintras,  
A quem confiara o Estado,  
Para ir ver as suas Cintras,  
E tratar-se descansado,

Entenderam que podiam  
Passos de pouco préstimo  
Governar, e que o fariam,  
Como seu, o que era empréstimo.

Homem tal, que mais não sente  
Que a sede do eterno mando,  
Que, inda prostrado e doente,



Quer morrer, mas governando,

Olhe o Cassino, valia  
Algum esforço em pegá-lo  
No dia, no próprio dia  
Em que passasse, e guardá-lo.

Pois tão depressa a Assembléia  
Oriental e aterrada  
Soubesse disso — uma idéia  
Seria logo votada.

Vejam que idéia e que tino:  
Que anualmente o seu tesouro  
Pagasse ao nosso Cassino  
Trezentos mil pesos de ouro,

Quando à velha sociedade  
Particular encomenda  
De guardar nesta cidade  
Aquela famosa prenda.

Com isso, e mais o cobrado  
Às pessoas curiosas,  
Passavas de endividado,  
Cassino, a maré de rosas.

N.º 13  
24 DE FEVEREIRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”

Há tanto tempo calado...  
E sabem por quê? Por isto:  
Pelo número fadado  
Da ceia de Jesus Cristo.

Número treze. Com esta  
São treze as minhas Gazetas.  
Numeração mui funesta,



Cheira a cova e a calças pretas.

Há, porém, quem afiance  
Que treze é dúzia de frade.  
É opinião de alcance,  
Que anima e que persuade.

Contudo, em uma pessoa  
Sendo supersticiosa,  
Antes que na cousa boa,  
Crê na cousa perigosa.

Daí veio esta comprida  
Vadiação; era medo,  
Medo de perder a vida  
Cedo, mais que nunca cedo.

Lembra-me inda certo dia,  
Quando eu tinha treze anos;  
Jantamos em companhia  
Treze rapazes maganos.

Um acabou reprovado  
Na Escola de medicina;  
Outro está bem mal casado;  
Outro teve pior sina.

Pior, digo, e em muitos pontos;  
Geria a casa dos Bentos;  
Fugiu, levando dez contos,  
Em vez de levar quinhentos.

Outro é político, e anda,  
Ora triste, ora sinistro;  
Dizem-me que ele tresanda  
Vontade de ser ministro.

Em dia de crise, voa  
A meter-se em casa, à espera  
De alguma notícia boa;  
Espera que desespera.

Só sai quando o gabinete



Fica de todo formado,  
E jura pelo cacete  
Que há de pô-lo derreado.

Bufa, espuma. Abrem-se as câmaras,  
E o meu companheiro e amigo  
Aguarda o tempo das tâmaras,  
E torna ao seu voto antigo.

Outro daqueles rapazes  
Procura sinceramente  
Entre os meios mais capazes  
De encher a barriga à gente.

Um que seja imediato  
E de graúdas prebendas,  
Ou testamento, ou barato...  
Já não há pr'as encomendas!

Cá por mim, tive um inchaço  
Na perna esquerda; diziam  
Que essa doença era andaço,  
E até que muitos morriam.

Sarei; mas foi sobre queda  
Couce. A morte tão sombria.  
Que tantas casas depreda,  
Poupou-me para este dia.

Pois, minha dona, aqui fico,  
Já daqui me não arranco,  
Achei um recurso rico:  
Deixo este número em branco.

Não dou Gazeta nem nada;  
Não falo em cousa nenhuma,  
Gouvea, moção, espada;  
Em suma, de nada, em suma.

E tanto mais ganho nisto  
Que, como se fala em rolo,  
Podia um lance imprevisto  
Tirar-me o melhor consolo.



Que é este: olhar para a rua  
Cheia de cousas chibantes,  
E dizer — Feliz a lua...  
Se é que não tem habitantes.

N.º 14  
7 DE MARCO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Se eu fosse aquele Custódio  
Gomes ou Bíblia chamado,  
Que não deu esmola ou bródio,  
Nem mimos por batizado,

Pela luz que me alumia,  
Juro, e mais que nunca, juro,  
Que pesaroso olharia  
Para este processo escuro.

Daria grandes palmadas,  
Ao ler tantas testemunhas,  
Tantas cousas encontradas,  
Tantas mãos e tantas unhas.

Pesquisas de parte a parte,  
E um testamento que é tudo:  
Ora forjado com arte,  
Para uso e para estudo,

Ora verdadeiro e filho  
Do próprio autor sepultado,  
Que ajuntara tanto milho  
Para não vê-lo espalhado.

Audiências e audiências,  
Nomes, nomes, nomes, nomes,  
Pendências sobre pendências;  
Fosse eu o Custodio Gomes,



Suspiraria: —”Bem tolo  
Que fui eu em prepará-lo,  
Esse rico e imenso bolo,  
Se não tinha de papá-lo.

“Que ajuntei, dia por dia,  
Vintém a vintém suado,  
Para deixar tal quantia  
De dinheiro amontoado;

“Que, quando havia desmancho  
Na casa de um inquilino,  
Em vez de dar esse gancho;  
Sabia intrépido e fino,

“Armado de cal, tijolo,  
Colher e as cousas restantes,  
E lograva recompô-lo,  
Melhor do que estava dantes.

“Que, se vagava algum prédio  
Dos meus, ia ver se tinha  
Uma taboa p’ra remédio,  
Talha ou taco de cozinha,

“Qualquer coisa que algum dia  
Valesse às necessidades...  
Com pouco e pouco (dizia)  
Fazem-se as grandes cidades.

“Comi o pão que o Diabo  
Amassou; fui parco e ativo,  
Trazia as botas no cabo,  
Mas a mão firme, o olho vivo.

“E no fim de tanta lida,  
Não sei se boa ou má sorte,  
Saí do rumor da vida,  
Sem olhar a paz da morte.

“Todos os dias cá leio  
Impresso o meu triste nome;  
Vejo escrito que fui meio



Maluco e unhas de fome.

“A minha vida sem ócios,  
Gente de casa e costumes,  
E todos os meus negócios...  
Já dá para encher volumes!

“Ah! se em vez de andar c'o a sela  
Na barriga a vida inteira,  
Vida de meio tigela,  
De poupança e de canseira,

“Vivesse à larga, comesse  
Deliciosas viandas,  
E cauteloso bebesse  
Vinho de todas as bandas;

“Roupa fina, o meu teatro,  
Uma ou outra vez berlinda;  
Moças, o diabo a quatro  
Até a existência finda;

“Quem se lembraria agora  
De mim? Dormia esquecido,  
Sem chegar a voz sonora  
Dos prelos ao meu ouvido.

“Convivas e devedores,  
Pode ser que se lembrassem  
Das ceias e dos favores,  
E alguma vez me louvassem;

“Mas tão baixinho e tão pouco  
Que a voz não me chegaria,  
E eu, que acabei meio louco,  
Surdo e mudo acabaria”.



N.º 15  
20 DE MARÇO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

“Câmara Municipal  
Sem ter regimento interno!”  
Exclamou, com ar paterno  
Vereador pontual.

“Sem um acordo fraterno,  
Um papel, um manual,  
Certo, acabaremos mal,  
Faremos disto um inferno.

“Digo-vos que é usual,  
Em qualquer lugar externo  
Haver regimento interno  
Para evitar todo o mal.”

Em tom sossegado e terno  
Diz outro municipal  
Que o pau (físico ou moral)  
É regime mais superno.

— “Há de haver algum sinal  
Aqui, pelo lado interno,  
Do efeito vivo e fraterno  
Desse estatuto formal.

“Palavras (é dito eterno)  
Às sopas não trazem sal;  
Quero ação, ação real,  
Venha do céu ou do averno.

“E que outra menos verbal  
Que a ação do cacete alterno,  
Não como um vento galerno,  
Porém, como um vendaval?”

Se, assim amparado, externo  
Meu parecer cordial,



Para que me serve o tal  
Regimento de caderno?

“Saiba a câmara atual  
Que, se eu aqui não governo,  
Tenho este dever paterno  
De a não fazer trivial.

“Paterno disse? Materno;  
Quero outro tom pessoal.  
Fique-lhe o tom paternal  
Ao colega mais moderno.

“Sim, o pau, é pau real  
Venha do céu ou do averno,  
E palavras (dito eterno)  
Às sopas não trazem sal”.

Não sei que disse o paterno  
Vereador pontual;  
Eu, por mim, prefiro a tal  
Um copo do meu falerno.

Não que seja um casual,  
Ruim, triste e subalterno  
Modo de encontrar em erno  
O consoante final,

É falerno e bom falerno  
Sorrir da municipal  
Que vive tant bien que mal,  
Sem ter regimento interno.

Ou esse escrito legal  
Que o outro chamou caderno,  
Para o bom viver paterno  
Vale tudo ou nada val.

Se não, por que é que o superno  
Parlamento nacional  
Conserva um trambolho igual,  
Quer de verão, quer de inverno?



Se sim, como é curial,  
Que não tenha esse uso interno,  
Corpo tal, que vive alterno,  
Conservador, liberal?

Relevem se um subalterno  
Entrou nesse cipoal...  
Olha a taça de cristal,  
Leitor, vamos ao falerno!

N.º 16  
27 DE MARÇO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Cousa má ou cousa boa  
Traz vantagem boa ou má;  
O incêndio da Gamboa  
Neste aforismo entrará.

Não fosse aquele medonho  
Desastre que ali se deu,  
E do qual nada aqui ponho,  
Pois que o leitor tudo leu,

Não saberia eu agora,  
Pelas narrações que vi,  
Uma notícia que chora,  
E que — essa, sim — ponho aqui.

Foi quando a água, correndo  
Pela rua e para o mar,  
Ia ardendo, ardendo, ardendo,  
Ardendo de amedrontar.

Então li que os habitantes  
De um beco, com tal horror  
Viram as águas flamantes,  
Arrastando a morte e a dor,



Que pensaram em deixá-lo,  
O beco em que há muito estão,  
Onde a morte, a fogo e a estalo,  
Punha em gelo o coração.

Esse beco, o beco escuso,  
O beco que nunca vi,  
Beco de tão pouco uso,  
Que nunca o nome lhe li,

Chama-se do conselheiro  
Zacharias; leiam bem.  
E vá, reflitam primeiro,  
Como eu refleti também

Ó meu douto Zacharias!  
Meu velho parlamentar!  
Ó mestre das ironias?  
Ó chefe ilustre e exemplar!

Quantas e quantas batalhas,  
Deste contra iguais varões!  
E de quantas, quantas gralhas,  
Tiraste o ar de pavões!

Sólido, agudo, brilhante,  
Sincero, que vale mais,  
Depois da carreira ovante,  
Depois de glórias reais,

Deram-te um beco... Olha, um beco...  
De tantas cousas que dar,  
Coube-te a ti, homem seco,  
Triste beco ao pé do mar.

Não digas que são mofinas  
Estas nossas distinções  
Pintadas pelas esquinas;  
Esquinas fazem barões.

Não cuides que, nesta lida  
Em que andamos, tem de ser  
Viva ainda a tua vida,



Escrita ou por escrever.

Logo, era uma honrosa graça  
Se entrasses no grande rol  
Com uma rua, uma praça,  
Bem à vista, bem ao sol.

Mas, não. De quanto valias,  
Agora nada valeis.  
Há o beco Zacharias,  
E a rua Malvino Reis.

Daqui, amigo, derivo  
Esta antiga e estranha flor:  
“Mais vale súdito vivo  
Que enterrado imperador”.

N.º 17  
6 DE ABRIL DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Temos nova passarola,  
De grandes asas escuras,  
Mexidas por certa mola  
Que dá sono às criaturas.

Chama-se — não sei maneira  
De pôr este nome em verso...  
Palavra, é grande canseira,  
Tão duro é ele e reverso.

Deito sílabas de lado,  
De outro sílabas arranco,  
Trabalho desesperado  
E fica o papel em branco.

Vá lá: medicina hipnótica,  
Custou, mas saiu... Parece  
A cousa um tanto estrambótica,



E mais se a gente adocece.

Notem bem — é medicina,  
Posto a sugestão opere;  
Cá o meu bestunto opina  
Que um nome de outro difere.

Há em sugestão um jeito  
Teórico feio, enigmático;  
Mas medicina é perfeito,  
Perfeito, rápido e prático.

Quando aqui há poucos anos,  
Já me não lembra em que dia,  
Deu entrada entre os humanos  
A exata dosimetria,

Disse eu: “Invenção potente!  
Perfeição do formulário!  
Consolação do doente!  
Fortuna do boticário!”

Mas daí a pouco ouvia  
(Outro inimigo da métrica)  
Em vez de dosimetria,  
Medicina dosimétrica.

E isso que cuidava que era  
Farmácia, era uma doutrina.  
Uma escola em primavera  
Contra a velha medicina.

Não digo que o sugestivo  
Hipnotismo também seja  
Ária sobre outro motivo,  
Nem igreja contra igreja.

Digo... Não sei como diga...  
Não sei como diga... Ai, musa  
Do diabo e de uma figa!  
Você ri! você abusa!

Digo (vá) digo que, quando



Cuidava que esta matéria,  
Da qual não estou mofando,  
Que é séria, três vezes séria,

Não pelas razões do grave  
Apóstolo, que cogita  
Não fazer dela uma chave  
P'ra prender moça bonita;

Como se amor não tivesse  
Outra sugestão nativa,  
Que, quando menos parece,  
Faz arder o esquivo e a esquiva.

Quando (como ia dizendo)  
Supunha que a academia,  
Por sua vez, lendo e vendo,  
Ia explicar a teoria;

Que visse os graves problemas  
Envoltos na descoberta,  
E como antigos sistemas  
Passam a questão aberta;

Que, como órgão da ciência,  
Examinasse, estudasse  
A vontade e a consciência  
Pela novíssima face;

Que visse como a pessoa  
Humana se multiplica,  
Vai a Túnis e a Lisboa,  
E cá reside, e cá fica;

Em vez disso, a academia  
Dá-lhe duas passadelas  
De escova, e manda a teoria  
Curar as nossas mazelas.

Isto é que me põe os braços  
Caídos, e a boca aberta...  
E já daqui vejo os passos  
Desta nova descoberta.



Atrás dos homens sabidos  
Virão os que nada sabem,  
E gritarão desabridos  
Até que os astros desabem.

Chegaremos aos cartazes  
E aos anúncios de vinhetas,  
Pílulas Holloway capazes  
De dar beleza às caretas.

Ora, há trinta anos havia  
Xarope que se chamava  
Do Bosque, e tanto valia,  
Que tudo e algo mais curava.

Hoje, esse licor exótico  
Não tem uso, interno ou externo...  
Receio que o sono hipnótico  
Chegue a tudo... e ao sono eterno.

N.º 18  
13 DE MAIO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Não neguei Bahia ou Minas,  
Nem nunca fora capaz  
De negar Crato ou Campinas...  
Neguei, é certo, Goiás.

Pois que Goiás eu supunha  
Uma simples convenção,  
Sem existência nenhuma,  
Menos inda que ilusão.

E achava uma prova disto  
Naquele caso sem par,  
Nunca dantes, nunca visto,  
Nem por terra nem por mar:



O caso do presidente  
Que por dez anos ficou  
Presidenciando... Ó gente!  
Dez anos! Quem tal sonhou?

Dez meses, vá; é costume,  
E ninguém pode exigir  
Que um homem perca o chorume  
A trabalhar e a delir...

Ou, se é lícito em matéria  
De tanta ponderação  
Tão avessa ao chasco e à léria,  
Ter alguma opinião,

Digo que nem dez semanas...  
Dez dias podia ser.  
Traduziria em bananas  
O chegar, ver e vencer.

Não se impõe aos nossos climas  
Ars longa... É abreviar,  
Como eu abrevio as rimas;  
Não coser, alinhar.

Quem podia, em nossa terra,  
A não ser entre galés,  
Como os comuns de Inglaterra?  
Trabalhar dez horas, dez?

Os nossos comuns gastaram  
Três dias em eleger  
Mesa e comissões; e andaram  
Perfeitamente, a meu ver.

Não vamos crer, porque temos  
Sistema parlamentar,  
Que só copiar devemos  
Os costumes de além-mar,

Mas, voltando à vaca fria...  
Que vaca? Onde íamos nós?  
Que diabo é que eu dizia?



A digressão, vício atroz.

Não era a dívida, creio,  
Lamberti chamada, uns mil  
Contos de papo e recheio,  
Contos ou contões com til.

Também não era o desfalque  
Do Recife... ai, uma flor  
De esperanças... ai, não calque,  
Não calque nisso, leitor!

Eu, que tinha o meu bilhete,  
Pronto para enriquecer,  
Estou como se um cacete  
Me houvesse dado a valer.

Mas, com todos os diabos,  
Que era então? Não eras tu,  
Nariz dos grandes nababos;  
Nem tu, céu de Honolulu.

Ah! Goiás... Goiás existe;  
E tanto que, a vinte e dois  
De março, saiu um triste  
E longo bando de grous,

Como os de que fala o Dante,  
Que van cantando lor lai;  
Mas cá o pio ora ovante,  
Era só: quebrai, quebrai!

Um dos grous é delegado,  
Outros dizem que juiz;  
E tudo foi arrasado,  
Ou ficou só por um triz.

Defuntos, lavras do Abade,  
Mulheres, que ora gemeis  
De dor e necessidade,  
Justiça esperar deveis.

Mas eu daquela ocorrência



Tiro uma lição vivaz:  
Goiás tem certa a existência,  
Goiás existe, Goiás.

N.º 19  
12 DE JUNHO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Parece que há divergências  
Entre câmara e senado;  
Comparam-se as influências,  
Fala-se em patriciado.

Soube disso ultimamente  
Pelas folhas... Pelas folhas  
Sabe tudo toda a gente,  
Votos, lãs, óbitos, rolhas.

E, antes de ir ao parlamento,  
Direi que soube por elas  
Negócio de algum momento,  
De varões e moças belas.

Li que uma sociedade,  
Sociedade Protetora  
Dos Animais da cidade  
(Ó minha Nossa Senhora!)

Ia dissolver-se, e dava  
A razão do ato; era, em suma,  
Que nenhum esteio achava  
Nas leis nem em parte alguma.

Ora, eu que me ri, há meses,  
De vê-la, toda capricho,  
Falar de si muitas vezes  
E mui rara vez de um bicho,

Injusto fui. Ora o vejo,



E confesso os meus remorsos.  
Não fiz justiça ao desejo  
Dela nem aos seus esforços,

Nem também principalmente  
À sua audácia provada  
De falar do bruto à gente,  
Sem ser para bordoadada.

Cuidar de cães... Ter piedade  
De um triste e magro orelhudo,  
Que arrasta pela cidade  
Carroça, este mundo e tudo;

Isto a sério, isto sem medo  
Do riso de outras pessoas;  
Fazer disto ofício ledado,  
Pôr isto entre as ações boas;

Quando é certo que cachorro,  
Nem burro, cavalo ou gato,  
Não sabem de tal socorro,  
Nem dão charanga ou retrato;

Trabalhar sem recompensa  
Imediata e tangível,  
Não é de gente que pensa,  
É maluquice visível.

Entretanto, a sociedade,  
Depois de pensar uns dias,  
Fica, e não se persuade  
Que entra em baldadas porfias.

Baldadas e generosas...  
Fique-lhe este prêmio, ao menos:  
Espalha as mãos dadivosas  
Aos pequenos mais pequenos.

Mas, voltando à vaca fria:  
Li que a câmara conhece  
No senado a primazia,  
E se dói, e se aborrece.



Não tédio em dar, a ponto  
De brigar abertamente;  
Faz com tristeza o confronto  
Sem magoar a outra gente.

Quando muito, ouve calada,  
Alguma palavra nua,  
E confessa encalistrada  
Que ou cede ou vai para a rua.

Busca-se agora um remédio,  
Alguma coisa que faça  
Cessar esse amargo tédio...  
Aqui lh'o trago de graça.

Deu-m'o um espírito agudo,  
Que também é deputado,  
Varão conspícuo e sisudo,  
Não sei se desanimado.

Droga fácil e sumária,  
Que não traz dor, mas delícia;  
É fazer da temporária  
Uma coisa vitalícia.

Então, sim; iguais as damas,  
Serão iguais os vestidos,  
Iguais as perpétuas chamas  
Nos peitos endurecidos.

Não respondi à pessoa  
Que isto me dizia, nada;  
Se a idéia é ruim ou boa,  
Aí a deixo estampada.



N.º 20  
18 DE JUNHO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Rosa de Malherbe, ó rosa  
Velha como as botas velhas,  
Que foste grata e cheirosa,  
E ora desprezada engelhas;

Rosa de todos os vasos,  
De todas as mãos humanas,  
Trazida a todos os casos,  
Com lírios e com bananas;

Rosa trivial e chocha,  
Pior que as mal fabricadas,  
Menos que rosa, uma trouxa  
De folhas esfarrapadas,

Não por má, não que não prestes,  
Não que não sejas ainda  
A mesma rosa que deste  
Vida e cor à estrofe linda,

Mas porque é nosso costume,  
Se achamos um dito a jeito  
Tirar-lhe todo o chorume  
Até deixá-lo desfeito.

Às vezes, menos que um dito,  
Uma locução somente,  
Um verbo novo ou bonito,  
Pelintra ou cousa decente...

Vagabundo é que não anda;  
Terá tanto e tanto emprego  
De salão ou de quitanda  
Que nunca achará sossego;

Até que lá vem um dia,  
Em que o infeliz surrado,



Gasto, podre, sem valia,  
Ao lixo é abandonado.

Lá vou eu buscar-te, ó rosa  
De Malherbe; é necessário  
Fazer citação dengosa  
Num caso extraordinário.

Não o caso pavoroso  
Do sindicato, alta e baixa.  
Negocio tão ponderoso  
Que acabou quebrando a caixa.

Demais, ouço tais notícias,  
Tantas cousas segredadas,  
Que só pegando em milícias  
Para rimar com pancadas.

Posto que essa rosa bela  
Viveu, como as outras rosas,  
Um dia, e sem mais aquela  
Perdeu as folhas viçosas.

Não trato dessa, mas trato  
Da rosa legislativa,  
Nascida sem aparato,  
Morta quando apenas viva.

Foi o senador Uchoa  
Que lhe deu vida e nascença,  
Pareceu-lhe a idéia boa,  
Propô-la sem mais detença.

Em verdade, não contava  
Ninguém com tal aditivo;  
Foi como uma vaca brava  
Ao pé de um par pensativo.

De mais a mais, sem discurso,  
Modesto, calado e manso;  
Mal comparando, era um urso  
Metido em pernas de ganso.



Urso, embora parecesse  
Ao golpe das mãos humanas,  
Podia ser que vivesse  
Uma, duas, três semanas.

Era vir, tambor à frente,  
Polcando ao som de rabeca,  
Lançando ao ar, como gente,  
Foguete, bomba ou peteca.

Menos de um mês viveria;  
Mas, surgindo assim calado,  
Viveu apenas um dia,  
Foi morto e foi sepultado.

Lá que mais tarde apareça  
Em forma de idéia nova,  
E que outrem se desvaneça  
De o passar por outra prova,

De maneira que essa rosa,  
Que foi rosa e que foi urso,  
Ganso e vaca furiosa,  
Passe a sol nalgum discurso,

Não me espantará. Comigo  
Uma só cousa há que espante:  
Se desta vez a não digo  
É falta de consoante.

N.º 21  
4 DE JULHO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Meu Octaviano amigo,  
Que idéia foi essa vossa  
De deixar que o inimigo  
Inda uma vez ganhar possa?



Ruim verso, mas aí fica;  
Pior que fosse, ficara;  
Não há rima bela ou rica;  
Brilhante, sólida ou rara,

Quando o espírito, pasmado,  
Mal sabe o que vai dizendo...  
E eu sinto-me apatetado  
Ante esse conselho horrendo.

Sim, eu penso com Malvino  
Que as abstenções são fatais.  
É este o melhor ensino  
Em cousas eleitorais.

Pois não há aí três pessoas...  
Digo mal, duas somente,  
Sinceras, válidas, boas,  
Que lutem proximamente?

Que é a vida? Uma batalha,  
Tiro ao longe, espada à cinta;  
Para os barbeiros, navalha;  
Para os escritores, tinta;

Para os candidatos, cédula.  
Quantas vezes tenho visto  
Confessar a gente incrívelula  
Que não soube atentar nisto!

Sim, eu penso com Malvino  
Que as abstenções são fatais;  
É esse o melhor ensino  
Em cousas eleitorais.

Eu, em rapaz, era dado  
Às moças! Lembra-me que uma  
Tinha o corpo bem talhado  
E olhos feito verruma.

Olhos tais que penetravam  
Na gente, em reviradela;  
E muitos moços sangravam



Da marcenaria dela.

Quis ver se era amado.  
Um tio, Fazendo por dissuadir-me,  
Andava num corrupio,  
E eu firme, três vezes firme.

Sempre entendi com Malvino  
Que as abstenções são fatais.  
É esse o melhor ensino  
Em cousas eleitorais.

E notem a coincidência;  
Essa moça, esse pecado  
Tinha a sua residência  
Mesmo à rua do Senado.

E notem mais que não era  
Uma cadeira, mas duas...  
Camões, que falou da herá,  
Meta aí palavras suas.

Confesso que, ao recordá-la,  
Sinto em mim tais pensamentos,  
Que era capaz de arrancá-la  
A cinco ou seis regimentos.

Nisto entendo, com Malvino,  
Que as abstenções são fatais.  
É esse o melhor ensino  
Em cousas eleitorais.

Lutei muito. Ela fechava  
Muitas vezes a janela,  
Quando eu por ali passava  
Para ver o rosto dela.

Outras vezes devolvia  
Cartas escritas com sangue...  
Lembra-me uma, que dizia:  
“Anjinho meu, não se zangue,

“Se passo por sua casa;



Menos ainda, se temo  
Em alimentar a brasa  
Deste fogo em que me queimo.

“Que eu penso, como Malvino,  
Que as abstenções são fatais;  
É esse o melhor ensino  
Em cousas eleitorais”.

E o certo é que fiz tanto,  
Tanto andei por essa rua,  
Gemi, gemi tanto canto,  
Sem lua, e ainda mais com lua,

Que a moça, de compassiva,  
Escutou meus ais tristonhos  
E pegou da pena esquiva,  
Para responder-me aos sonhos.

“Sei que és coração perfeito,  
Que me amas e que não cansas.  
Mando-te aqui do meu peito,  
Não amor, mas esperanças...

“Crê, amigo, com Malvino,  
Que as abstenções são fatais.  
E' esse o melhor ensino  
Em cousas eleitorais.

N.º 22  
1.º DE AGOSTO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Anda agora toda a imprensa,  
Ou quase toda, cuidando  
De alcançar que, sem detença,  
Acabe um vício nefando.

Na brasileira linguagem,



Essa nacional usança  
Chama-se capoeiragem;  
É uma espécie de dança,

Obrigada a cabeçadas,  
Rasteiras e desafios,  
Facadas e punhaladas,  
Tudo o que desperte os brios.

Há formados dois partidos,  
Dizem, cada qual mais forte,  
De tais rancores nutridos,  
Que o melhor desforço é morte.

Ora, os jornais que desejam  
Ver a boa paz nas ruas,  
Reclamam, pedem, forcejam  
Contra as duas nações cruas.

Referem casos horrendos,  
Já tão vulgares que soam  
Como simples dividendos  
De bancos que se esboroam.

E zangam-se as tais gazetas,  
Enchem-se todas de tédio,  
Fazem caras e caretas  
Por não ver ao mal remédio.

Vou consolá-las. É uso  
Das alminhas bem nascidas  
Dar, contra o pesar intruso  
Consolações repetidas.

Eu (em tão boa hora o diga,  
Que me não minta esta pena!)  
Tenho aquela corda amiga  
Que, em pena, dá eco à pena.

Inda quando a rima saia,  
Como essa, um pouquinho dura,  
(Ou esta da mesma laia)  
É rima que dói, mas cura.



As consolações — ou antes  
A consolação é uma;  
Trepas tu pelas estantes,  
Busca, arruma, desarruma:

E, se tens livros contendo  
Decisões de Vinte e Quatro  
(Há sessenta anos!) vai lendo  
Um aviso áspero e atro.

Lê isto: “Para que cessem  
De uma vez os capoeiras,  
Que as ruas entenebrecem,  
Com insolentes canseiras,

“Manda o imperador, que sabe  
E quer pôr a isto cobro,  
Dar a pena a que lhes cabe,  
E se for preciso, em dobro.

“Recomenda neste caso  
Que haja a major energia,  
Para que em estreito prazo  
Acabe a patifaria;

“E seja restituída  
A paz aos bons habitantes,  
De modo que tenham vida  
Igual à que tinham dantes”.

Ora, se este aviso expresso  
(Que é de vinte e oito de maio)  
Teve tão ruim sucesso  
Que inda fulge o mesmo raio,

Concluo que o capoeira  
Nasceu com a liberdade,  
Ou deu a nota primeira  
Se tem mais que a mesma idade.

Valha-nos isto, que ao menos  
Consola a gente medrosa,  
E faz de alguns agarenos



Cristã gente gloriosa.

Sete de abril, a Regência,  
Depois a Maioridade,  
Partidos em divergência,  
Barulhos pela cidade,

Guerras cruas e compridas,  
Exposições, grandes festas,  
Paradas apetecidas,  
Tudo viu a faca e a testa...

N.º 23  
20 DE AGOSTO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Ouvi que algumas pessoas  
Entendidas e capazes  
De distribuir coroas,  
Andam estudando as bases

Da festa que comemore  
Uma grave ação recente:  
Jantar que a pança devore,  
Doce de atolar o dente,

Ou retrato a óleo, e banda,  
Com algum palavreado,  
Uso desta velha Holanda,  
Antigo e repinicado.

Há quem pense em monumento,  
Obra fina que reúna  
Bronze, mármore e cimento,  
Ou busto ou simples coluna.

Em suma, nada que cheire  
A inquérito ou a devassa,  
Ou cousa que se lhe abeire...



Grande obra e de grande traça.

Porquanto, se aquela preta,  
Que ia sendo sepultada,  
Não chega a fazer mareta,  
E desce tranqüila ao nada,

Se já no caixão metida  
E levada ao necrotério,  
Não suspira pela vida,  
Mistério contra mistério,

Não tinha havido barulho,  
É certo, nem artiguinhos;  
Tudo acabava no entulho,  
Bichinho entre mil bichinhos;

Mas também nem a vitória  
Ao inspetor caberia,  
Que mandou a preta à gloria,  
Aonde ela ir não queria.

Pois no rosto da sujeita,  
Que ressurgiu com malícia,  
Talvez porque em sua seita  
Ninguém morre de polícia,

Tu, sagaz, tu descobriste  
Que a morte era cousa certa,  
E — vendo quanto era triste  
Viver de ferida aberta

No meio desta cidade,  
Por mais algum magro dia  
— Encheste-te de piedade,  
Vibraste de inspetoria.

E perdoando à coitada  
O resto da vida horrenda,  
Mandaste dar-lhe pousada  
Debaixo da eterna tenda.

Ela, que tornou ao mundo,



Entre as cantatas da imprensa,  
Torna ao bátrato profundo,  
Morre sem pedir licença.

Triunfa, inspetor, triunfa  
Neste voltarete, filho,  
Trunfa, trunfa, trunfa, trunfa,  
Que a todos deste um codilho.

Imagina tu se abrissem  
Inquérito sobre o caso,  
E que afinal concluíssem  
Que o teu ato era um desazo;

E que isto de meter gente  
Viva em caixão de finado,  
Sem exame competente,  
Devia ser castigado,

Que cara com que ficávamos,  
Agora que a preta é morta!  
Seguramente tomávamos  
Novas da nossa avó torta.

N.º 24  
23 DE AGOSTO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Anda-se isto a desfiar:  
Quem será o responsável  
Dos atos que praticar  
O poder irresponsável?

Há várias opiniões  
Sobre esta questão pendente;  
Contradizem-se as razões,  
Um afirma, outro desmente.

Vão aos livros e aos Anais



Buscar uma extensa lista  
De palavras textuais  
Deste ou daquele estadista.

Nem só nacionais, também  
Surgem nomes estrangeiros,  
Nomes ilustres, que têm  
Merecidos pregoeiros.

Um deles foi o senhor  
Benjamin Constant, pessoa  
Que o poder moderado  
Criou e deu à coroa.

Foi ele, em escrito seu,  
Que à constituição brasília,  
Sem saber, o artigo deu  
Que pôs a toda família

Dos poderes, um poder  
Que a regesse e moderasse...  
Outros porfiam em ver  
O caso por outra face.

E tu, Benjamin, fatal,  
Grande amador de pequenas,  
Tu, morto, tu, imortal,  
Lá das regiões serenas,

Que pensas, que pensas tu  
Nesta questão, obra tua?  
Tira do espírito nu  
Opinião crua e nua,

Põe-lhe sobrescrito a mim,  
Se achas melhor escrevê-la;  
Ou brada-m'a, Benjamin,  
Que eu poderei entendê-la.

E logo uma bela voz  
Me entrou pelo gabinete,  
Fininha como um retrós,  
Viva como um diabrete.



E disse: — “Queres saber  
O que nesta causa penso?  
Qual o meu modo de ver?  
A que partido pertenço?”

“Se acho que o moderador,  
Nos atos em que modera,  
Tem ou não algum senhor  
Que responde e o desonera?”

“Se o poder, a quem chamei  
Neutro, pode, irresponsável,  
Ter por isso mesmo em lei  
Um ministro responsável?...”

“ — Sim, despacha, respondi  
Já zangado e impaciente.  
— “Di-lo-ei a ti, a ti;  
Se queres, di-lo a mais gente.

“Não verás em mim a flor  
Da modéstia, planta rara,  
Responderei com rigor,  
Certeza e palavra clara.

“Digo que gostei de ouvir  
Idéias finas e tantas,  
Gostei de as ver discutir  
Leão, Cotegipe e Dantas.

“Mas, com franqueza, eu deitei  
Tudo ao mar, nesta viagem.  
Só uma cousa guardei  
E trago-a cá na bagagem.

“Não que julgue sem valor  
Outras páginas escritas  
Ou faladas, não, senhor;  
São puras e são bonitas.

“Foram feitas ao buril,  
Pensadas e bem pensadas.  
Deixei-as às mil e às mil,



Por esse mundo espalhadas.

“Mas agora que aqui estou,  
Livre de ruins cuidados,  
Digo: o melhor que ficou  
Dos escritos lá deixados

“Foi... palavra que não sei,  
Não sei bem como me exprima:  
Foi um livrinho de lei,  
Uma jóia, uma obra-prima,

Um livro, um livrinho só,  
Que entre os escritos passados,  
Resiste ao mórbido pó —  
Dos anos empoeirados.

“Custa-me dizê-lo, crê:  
Um romance, e pequenino;  
Relê, amigo, relê  
O meu Adolpho; é divino.

“Do mais tanto cuidado aqui  
Como daquela camisa,  
A primeira que vesti...  
Diz a rima que era lisa”.

N.º 25  
30 DE AGOSTO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Eu, pecador, me confesso  
Ao leitor onipotente,  
E a grã bondade lhe peço  
De ouvir pacientemente

Uma lengalenga longa,  
Uma longa lengalenga,  
Áspera, como a araponga,



E tarda como um capenga.

Saiba Sua Senhoria  
Que, em cousas parlamentares,  
A minha sabedoria  
Vale a de um ou dois muares.

Não? Isso é bondade sua...  
Modéstia minha? Qual nada!  
Digo-lhe a verdade crua,  
Nua e desavergonhada.

Não entendo patavina,  
Eu, que entendo a lei mosaica,  
Humana, embora divina,  
Límpida, conquanto ataica.

“E disse o Senhor: Faze isto,  
Moisés, faze aquilo, ordena,  
Eu, c'o meu poder te assisto;  
Põe esta pena e esta pena”.

Eram assim leis sem voto,  
Sem consulta, sem mais nada.  
Deus falava ao grão devoto,  
E vinha a lei promulgada.

Mas por que é que tanta gente,  
Reunida numa sala,  
Examina a lei pendente  
Escuta, cogita e fala?

E por que vota? pergunto ...  
Nisto abro uma folha, e leio  
Bem explicado este assunto:  
Era um discurso alto e cheio.

O orador, um deputado  
Do Ceará, respondia  
A um que o tinha acusado  
De manter a escravaria.

Defendia-se, mostrando



Que, desde anos longos, fora  
Dos que viveram chamando  
A aurora libertadora.

Que a obra da liberdade  
Era também obra sua,  
Fê-la com alacridade,  
Sem proclamá-lo na rua.

Votou, é certo, em contrário  
Ao projeto com que o Dantas  
Criou o sexagenário  
E umas outras cousas tantas.

Mas não foi porque o julgasse  
Oposto ao que entende justo,  
Nem porque ele lhe vibrasse  
Qualquer sensação de susto.

Foi só porque o gabinete  
Para o Ceará mandara  
Um presidente e um cacete,  
Ambos de muito má cara.

Ele, vendo os seus amigos  
Perseguidos, destinados,  
Depois de grandes perigos,  
A serem exterminados.

Votou contra a lei; e a prova  
De que lhe não era oposto,  
É que, vindo gente nova,  
Votou a lei, de bom rosto.

E conclui assim: “Senhores,  
Qualquer outro que se achasse,  
Cheio de iguais amargores  
E injúrias da mesma classe,

Faria o que fiz”. Pasmado,  
De tudo o que não sabia,  
Vim confessá-lo humilhado  
Ante Vossa Senhoria.



N.º 26  
6 DE SETEMBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Eustáquio Primo de Seixas,  
Morador em Santo Amaro  
(Bahia), fez umas queixas  
Sobre um caso duro e amaro.

Parece que um tal Francisco  
De Paula Aragão e Souza,  
Para reduzi-lo a cisco  
E pôr-lhe em cima uma lousa,

Pegou de um revólver, obra  
Bem feita, acabada,  
Pior que dente de cobra,  
Melhor que fio de espada;

E, indo ao sobredito Seixas,  
Despejou-lhe, não a arma  
Nem precisamente endechas,  
Nem violetas de Parma,

Mas uma descompostura,  
Como se diz vulgarmente,  
Porque quando a gente cura  
De falar mais finamente,

Diz torrentes de impropérios;  
Tal foi o modo limado  
Que, em seus artigos tão sérios,  
Empregou este agravado.

Eustáquio estava na rua  
Da Matriz — tão concorrida  
De gente, que viu a sua  
Pessoa assim ofendida.

De tais injúrias e acintes  
Ouviu metade calado,



Até que, em tantos ouvintes,  
Um houve, mais animado,

Que pôde dar escapula  
Ao que ouvia tanta cousa,  
Mas o diabo que açula  
A alma a Aragão e Souza,

Faz com que lhe não estaque  
A torrente de impropérios,  
Sotaque sobre sotaque,  
Ditérios sobre ditérios.

Já que em casa recolhido  
Eustáquio, vai muita gente  
Pôr-se ao lado do ofendido  
Contra aquele ato insolente.

Vai mais; vai gente inimiga;  
Vai mais; vai o próprio Souza  
Pedir-lhe que o não persiga;  
Que lhe perdoe tanta cousa.

Responde-lhe Seixas: “Pronto  
Estou a dar-lhe o que pede,  
Mas só quero um ponto, um ponto,  
E cederei se me cede.

“Peço-lhe que se retrate  
Das injúrias que me há dito...”  
Aragão, dado ao combate,  
Repete, e repete escrito

Todas as injúrias feitas...  
Aqui, meu leitor amigo,  
Tu que buscas, tu que espreitas  
Achar sentido ao que digo,

Não decifrando a charada,  
Perguntas naturalmente:  
“Que tenho eu com isso?” — “Nada,  
Respondo-te eu; e a Regente?”



Porque o mais rico da cousa  
E' que o tal Eustáquio Seixas,  
Contra o Aragão e Souza,  
Trouxe à imprensa as suas queixas,

Escrevendo: “À Sereníssima  
Princesa Regente”. Ó dura  
Condição triste e tristíssima,  
Que mal sei como se atura!

Governar para ler estas  
E outras ridiculezas...  
Ó sorte das régias testas!  
Ó destino de princesas!

Que um homem em Santo Amaro,  
Ouvindo duas graçolas  
(Caso antes comum que raro)  
Toque no chapéu de molas,

Enfie a casaca, e calce  
As botas envernizadas,  
E, todo flor e realce,  
Suba as imperiais escadas,

Para contar uma cousa  
Que se conta ao delegado  
Isto é, que Aragão e Souza  
É pouco morigerado,

Palavra que desanima  
De ocupar na terra um sólio:  
Antes governar a rima,  
Bem ou mal como o Malvólio.

N.º 27  
13 DE SETEMBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.



Se Deus me dissesse um dia:  
— Que desejas tu, Malvólio?  
Castelos na Normandia?  
Uma biblioteca in-fólio?

“Um punhado de brilhantes,  
Grandes como ovos de pomba?  
Um batalhão de elefantes,  
Marfim puro e extensa tromba?

“Moças, com as quais cantasses  
A vida, e pelo estio,  
Cantigas velhas que achasses,  
Como esta, no peito frio:

“Cajueiro pequenino,  
“Carregadinho de flores  
“Eu também sou pequenino,  
“Carregadinho de amores.

“Ou tendo espíritos altos,  
Ir correr desejarias  
Perigos e sobressaltos  
De Rússias e de Turquias,

“Pegando, com alma icária  
E braços impacientes  
A coroa da Bulgária,  
E defendê-la das gentes?”

Responder-lhe-ia eu, contrito:  
— Não desejo, ó verdadeiro  
Deus grande, Deus infinito,  
Ser castelão nem livreiro,

Nem ter pedras preciosas,  
Nem legiões de tamanhas  
Alimárias pavorosas,  
Vindas de terras estranhas,

Nem bonitas raparigas  
Com quem eu cantar pudera  
Algumas velhas cantigas,



Cantigas de primavera,

Menos inda, muito menos,  
Correr sem mais nada, à toa,  
Pequeno entre os mais pequenos,  
A apanhar uma coroa.

Não, o que eu quisera, ó divo  
Senhor, que mandais a tudo,  
O meu desejo mais vivo,  
Que me corrói, longo e mudo,

Era entrar pela janela  
Do senado... Olhai, não digo  
Pela porta. A porta é bela,  
Porém já não vai comigo.

A porta, traz como agora,  
Obrigações superfinas;  
Li-as em prosa canora,  
Sobre as eleições de Minas.

A primeira é que resida  
O candidato na terra,  
Pois se acaso a própria vida  
A outra terra o desterra,

Perca as tristes esperanças  
De conservar eleitores.  
Se há exemplos, são carranças,  
Outra quadra, outros amores.

Olindas, Celsos, Correias,  
Nabucos e Zacharias,  
São estragadas candeias,  
De outros homens e outros dias.

Agora, quanto à segunda  
Obrigação do diabo,  
É igualmente profunda...  
Não se quer nenhum nababo,

Que ande assim, como um tesouro,



Em carruagens de prata,  
Cavalos ferrados de ouro,  
Um jantar em cada pata;

Mas se o candidato é pobre  
E passa a vida lidada,  
Não entra em funduras.  
Dobre, Amigo, dobre a parada.

Ora, eu que há muito suspiro  
Pelo senado, e aqui moro,  
Lidando, que mal respiro,  
Sem o vil metal que adoro,

Uma noite adormecia  
Lendo alguma velha história  
De Veneza ou da Turquia,  
E acordava em plena glória,

Diante do presidente  
Aparecia sentado.  
Ai, Deus justo, ai, Deus clemente...  
Janela... curul... senado...

N.º 28  
20 DE SETEMBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Quando tudo em paz corria  
Cai uma nuvem prenhada  
De chuva e de ventania,  
De saraiva e trovoada.

E cai lá naquela banda  
Do paço dos senadores,  
O melhor paço da Holanda,  
Boa pedra, arminho e flores.

Inda se fosse no paço



Dos deputados, vá feito;  
Embora sendo embaraço,  
Caía no próprio leito.

Pois se este paço figura  
Ao pé do velho senado,  
Que afigura e transfigura,  
Como ele, o que lhe é levado,

Certo é que é mais dada a zona  
Aos temporais desabridos;  
Quem lá vai mete-se em lona,  
Oleado e outros tecidos.

Mas, no senado, em verdade,  
Posto não seja o primeiro  
Exemplo de tempestade,  
Nem talvez o derradeiro,

Causa espanto, porque tudo  
Parecia que ia andando,  
Não inteiramente mudo,  
Mas lentamente calando.

Vai então, como eu buscasse  
Saber por algum amigo,  
Maneira com que explicasse  
Este singular perigo,

Achei um vizinho, um magro,  
Um que não tem este olho;  
Chamá-lo-ia Meleagro,  
Di-lo-ia autor de algum molho,

Se não parecesse abuso  
Esse recurso mofino,  
Mofino, mas não escuso...  
Os versos têm seu destino!

Tenho sido belo, às vezes,  
Só por exigi-lo a rima;  
Chama-se a um homem Menezes  
Quando não passa de um Lima.



Mas, qualquer que seja o nome  
Do vizinho consultado,  
Fui lá p'ra matar a fome  
E saí esfomeado.

Procurei-o, como disse,  
E no meio da palestra  
Aconteceu que surgisse  
Uma questão grave e mestra:

Se o senado é que governa  
Ou a câmara. O sujeito,  
Querendo passar-me a perna,  
Tira estas vozes do peito:

“— Dizem que a câmara baixa,  
Conforme a prática inglesa,  
Assim como tem a caixa  
Da receita e da despesa,

“Rege a política, e forma  
Os homens à sua imagem,  
Que é essa a única norma  
Da parlamentar viagem.

“Sendo, porém, cousa certa  
Que os ingleses querem antes  
Achar sempre a porta aberta.  
Dos comuns representantes.

E comuns há que padecem,  
Se a boa sorte lhes falta,  
E após os pais que falecem  
Vão para a câmara alta,

“Onde é menor o trabalho,  
Sessões curtas, pouca vida,  
Galho do poder, mas galho  
De folha amarelecida;

“Cá buscamos o senado;  
E se o que há mais forte e fino  
Tem ali lugar marcado



É que ali mora o Destino”.

N.º 29

27 DE SETEMBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

A semana que há passado...  
Deixe leitor que me escuse,  
E de um falar tão usado  
Abuse também, abuse.

Há passado, hão carcomido...  
Hão, hão, hão, hão posto em tudo,  
Hão, hão, hão, hão recolhido...  
Estilo de tartamudo.

Ai, gosto! ai, cultura! ai, gosto!  
Demos um jeito e outro jeito:  
Venha dispor e há disposto  
Venha dispor e há desfeito.

Mas usar de uma maneira  
Até reduzi-la ao fio,  
Não é estilo, é canseira;  
Não dá sabor, dá fastio.

Porém... Já me não recordo  
Do que ia dizer. Diabo!  
Naveguei para bombordo,  
E fui esbarrar a um cabo.

Outro rumo... Ah! sim; falava  
Da outra semana. Cheia  
Esteve de gente escrava,  
Desde o almoço até a ceia.

Projetos e mais projetos,  
Planos atrás de outros planos,  
Indiretos e diretos,  
Dois anos ou cinco anos.



Fundo, depreciamento,  
Liberdade nua e crua;  
Era o assunto do momento,  
No bond, em casa, na rua.

Pois se os próprios advogados  
(E quem mais que eles?) tiveram  
Debates acalorados  
No Instituto, em que nos deram

Uma questão — se, fundado  
Este regime presente,  
Pode ser considerado  
O escravo inda escravo ou gente.

Digo mal: — inda é cativo  
Ou statu liber? Qual seja  
Correu lá debate vivo,  
Melhor dizemos peleja.

Mas peleja de armas finas,  
Sem deixar ninguém molesto:  
Nem facas, nem colubrinas,  
Digesto contra Digesto.

Uns acham que é este o caso  
Do statu liber. Havendo  
Condição marcada ou prazo,  
Não há mais o nome horrendo.

Outros, que não são sujeitos  
Ferozes nem sanguinários,  
Combatem esses efeitos  
Com argumentos contrários.

Eu, que suponho acertado,  
Sempre nos casos como esses,  
Indagar do interessado  
Onde acha os seus interesses,

Chamei cá do meu poleiro  
Um preto que ia passando,  
Carregando um tabuleiro,



Carregando e apregoando.

E disse-lhe: “Pai Silvério,  
Guarda as alfaces e as couves;  
Tenho negócio mais sério,  
Quero que m'o expliques. Ouves?”

Contei-lhe em palavras lisas,  
Quais as teses do Instituto,  
Opiniões e divisas.  
Que há de responder-me o bruto?

— “Meu senhor, eu, entra ano,  
Sai ano, trabalho nisto;  
Há muito senhor humano,  
Mas o meu é nunca visto.

“Pancada, quando não vendo,  
Pancada que dói, que arde;  
Se vendo o que ando vendendo,  
Pancada, por chegar tarde.

“Dia santo nem domingo  
Não tenho. Comida pouca:  
Pires de feijão, e um pingo  
De café, que molha a boca.

“Por isso, digo ao perfeito  
Instituto, grande e bravo:  
Tu falou muito direito,  
Tu tá livre, eu fico escravo “.

N.º 30  
4 DE OUTUBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Há muito inglês já defunto,  
Canning, Peel e consortes,  
Que são o perpétuo assunto



Da eloquência e seus transportes.

Cada ano que passa, deixa  
Nos anais parlamentares,  
Entre um ataque e uma queixa,  
Esses nomes singulares.

Assim, posto que vivamos  
À moda francesa, é certo  
Que todos imaginamos  
Estar dos ingleses perto.

Vede, por exemplo, os nomes  
Dos que escrevem de política;  
Não são Barros, não são Gomes,  
Nomes de fama somítica.

Entre um Guizot e um Horácio,  
Quantos Walpoles facundos!  
Pobre Gália! Pobre Lácio!  
Britânia é mundo entre mundos.

E, na verdade, a Inglaterra  
Tem de sobra exemplos grandes  
Para ensinar toda a terra,  
Do Cáucaso até os Andes.

Hão de dizer, com justiça,  
Que até aqui tenho usado  
O latim da velha missa,  
Já sabido e decorado.

Que sou vulgar como um bule  
De botequim, — como um homem  
Que, perdendo ontem na pule,  
Narra as dores que o consomem;

Vulgar como um par de botas  
Rotas e desengraxadas,  
Vulgar como as quatro sotas,  
Copas, ouro, paus e espadas.

Muito bem; mas, tendo em vista



Embora a vulgaridade  
Procurar alguma pista,  
Por onde ache a realidade,

Li agora um documento,  
Circular de candidato,  
Feita com discernimento,  
Bom estilo, ameno e grato.

Tão grato, que pede o voto  
Como um favor, e confessa  
Que, vencido o terremoto,  
Fará que jamais o esqueça.

Que seja novo não digo,  
Nem novo, nem menos raro;  
É costume um pouco antigo,  
Vulgar, sem ofensa e caro.

Pois o eleitor, de outro lado,  
Não faz favores à toa,  
Quer ser mui cumprimentado  
Em palavras e em pessoa.

Há tal que o votinho nega  
A gente que o não visite,  
Não que queira ver se emprega  
Bem a cédula que emite,

Perguntando ao candidato  
Qual a escola que mais usa,  
Se a de um governo barato,  
Se a do que gaste e produza;

Não, senhor; mas tão somente  
Para ouvir cousinhas finas,  
E mostrar a sua gente,  
A esposa, a sogra e as meninas.

Ouvir que a filha terceira  
Há de ser uma figura  
Como a segunda e a primeira,  
Modelos de formosura,



Ouvir um bom elogio  
À laranjinha da casa;  
Dar notícia de algum tio,  
Que perdeu na ilha Rasa.

Ver que o candidato mira  
De quando em quando a poltrona,  
Em que se alarga e se estira,  
Gesto de louvor que a abona.

Se há tais entre os eleitores,  
E pedes, ó candidato,  
Como o favor dos favores,  
O voto, e lhes ficas grato,

Para que tantos ingleses,  
Que dormem nas sepulturas,  
Virem bailar tantas vezes  
Nas nossas legislaturas?

Nacionalizemos isto.  
Queres citar? Cita, cita  
Nome cá nascido e visto.  
Deixe o Pitt; cita o Pitta!

N.º 31  
11 DE OUTUBRO DE 1887

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Na semana que lá foi,  
Houve cousas do diabo,  
Já de vaca, não de boi,  
Já com rabo, já sem rabo.

Sem rabo o que apareceu,  
Foi a grande tartaruga,  
Que naufragou e morreu  
Em praia onde o mar se aluga.



Espécie nada comum,  
Foi logo classificada,  
Sem nenhum erro, nenhum,  
E está no Museu guardada.

Ora, é muito de saber  
Que a bicha, ao pousar na praia,  
Sorriu consigo de ver  
Tanta senhora sem saia.

E consigo murmurou,  
Porque é animal sabido,  
Tanto que Deus lhe botou  
Nome latino e comprido:

— “Mostra a gente ao pé do mar  
O que numa sala esconde.  
Tudo é conforme o lugar,  
Preciso é saber aonde.

“E tais encantos em flor,  
Que ninguém arrastaria  
Pela rua do Ouvidor  
De noite, e menos de dia,

“Aqui publicados são  
Sem bulha, nem matinada,  
Aos olhos do camarão  
Que nada, e do que não nada.

“Pascal é que disse bem  
Quando da justiça ria:  
“Verdade aqui, erro além  
“. Cabe o dito à rouparia.”

Com rabo, houve o edital  
Da câmara, um documento  
Que apareceu no Jornal  
No mesmo dia e momento

Em que deviam abrir  
As propostas que acudissem...  
Aos que ficaram a rir,



Bradaram que se não rissem.

Que o tenente-coronel  
Presidente é que mandara  
Compor aquele papel  
Que a folha não publicara,

Conquanto a tempo o doutor  
Secretário o remetesse...  
Não sei se o comendador  
Tesoureiro andou com esse.

Pode ser que o general  
Procurador da fazenda,  
Como é muito bom fiscal,  
Não gostasse da encomenda.

Pode ser; mas pode ser  
Também que o protonotário  
Escrivão, em vez de ler  
O Jornal, lesse o Diário.

Ora, em verdade, foi bom  
O caso: fico inteirado  
Que é de rigor e bom tom  
Cargo com título ao lado.

E não escrever papel  
Em que venha o presidente  
Sem tenente-coronel,  
Seria pouco e insolente.

Quanto ao que houve, não de boi,  
Mas só de vaca, naquela  
Semana que lá se foi,  
Certo não foi bagatela.

Foi um projeto que quer  
População vacinada,  
Seja homem ou mulher,  
Gente grande ou criança.

E não mais se casará



Sem se provar que a menina  
E o noivo tiveram já  
Ultimamente vacina.

Mas, como falasse alguém  
Na câmara contra isto,  
Dizendo que a cousa tem  
Pecha contra a lei de Cristo,

Responderam-lhe que sim,  
Que os noivos terão dispensa  
Bastará ao grande fim  
Toda a mais lei, que é extensa.

Pois manda revacinar,  
Além dos tenros infantes,  
Soldados de terra e mar,  
Funcionários e estudantes.

Mas por que se há de excluir  
Desse dever mal cruento  
Quem vai à gente pedir  
Um lugar no parlamento?

Quero crer que as ambições  
Hão de vir em grande malta,  
Suprindo as vacinações  
O mérito que lhes falta.

Dir-se-á de um legislador  
Morto, que era homem honrado,  
Bom caráter, bom senhor,  
Modesto e revacinado.

E, pois que um caso esqueci  
Da outra semana, digo  
Muito à puridade aqui,  
Que falta à lei outro artigo.

Falta artigo, pelo qual,  
Em caso de desafio,  
Pudesse um homem mortal  
cortar à pendenga o fio.



Corta deste modo: ouvir  
O outro, em lances extremos,  
E responder-lhe a sorrir:  
“Vacine-se e falaremos”.

N.º 32  
18 DE OUTUBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Tudo foge; fogem autos,  
Fogem onças, foge tudo.  
Ó guardas moles e incautos!  
Ó corações de veludo!

Uma onça, que vivia  
Em casa de uma senhora,  
Viu aberta a porta um dia  
Da gaiola, e foi-se embora.

Na roça? Não; na cidade.  
Que cidade? É boa! a tua.  
Dou mais esta claridade:  
Era na rua... na rua...

Rua da América... Pronto!  
Mas, se não leste a notícia,  
Cuidarás que é isto um conto,  
É talvez conto e malícia.

Não, amigo. Era uma onça,  
Tinha aos três anos chegado;  
Vivia discreta e sonsa  
Em casa, num gradeado.

Vai senão quando, — um descuido —  
Deixaram-lhe aberta a porta,  
E a onça sentiu um fluido  
Que não sente onça já morta.



Sentiu passar-lhe no lombo  
O fluido da liberdade,  
E, ligeira como um pombo,  
Deixou a casa da grade.

Nenhum liberal, que o seja  
Como deve, achará livro  
De tantos da sua igreja  
Que condene este carnívoro.

Pois se foge o papagaio,  
O macaco, a patativa,  
Seja outubro, seja maio,  
Tenha ou não tenha mãe viva,

Que muito é lá que uma nobre  
Onça das brasílias matas,  
Logo que possa, recobre  
O uso das sua patas?

Lá por viver entre gente  
E canapés delicados,  
Não acho suficiente  
Para condená-la a brados.

Certo é que fugiu. Bem perto,  
Duas casas logo abaixo,  
Achou como que um deserto,  
E resolveu: "Lá me encaixo".

Era casa em obras. Passa  
Todo o sábado e domingo,  
Sem comer sombra de caça,  
Sem beber de sangue um pingo.

Na segunda-feira, cedo  
Sobe ali um operário,  
Despido de qualquer medo:  
Vai ganhar o seu salário.

Casualmente (bendito  
Seja Deus!) o desgraçado  
Vê o olhar da onça fito



De dentro de um tabuado.

Foge; muita gente acode  
Armada, e com laço e rede,  
A ver se apanhá-la pode;  
Ela, com fome e com sede,

Fere o pé a um bom valente,  
Mas é já laçada, e morre  
Á faca da demais gente,  
Que ali bravamente corre.

E porque não era grave  
A ferida recebida,  
Fechou-se com dura chave  
A história, e mais a ferida.

E disse alguém, que não erra  
Ocasão de uma vasa:  
— “Que há mais natural na terra  
Que criar onças em casa?”

“Quando muito, demos graças  
Aos deuses, que esta podia  
Matar duas ou três praças,  
E toda um inspetoria.

“Não há onças espanholas?  
Não há onças desgraçadas  
Estas não rugem nas solas  
Das botas acalcanhadas?”

“Virá tempo em que não ande  
Pessoa que se respeite  
Sem uma onça já grande,  
Ou, pelo menos, de leite.

“Que toda a senhora fina,  
De passeio ou de passagem,  
Tenha uma onça menina  
Ao lado, na carruagem.

“Que algumas fujam, que trinquem



O pé a qualquer pessoa,  
Ou por mal, ou porque brinquem  
Pode acontecer, é boa!

“Mas quem já viu neste mundo  
Progresso sem sacrifício?  
Sangue que corre é fecundo,  
E há virtude que foi vício.

“Cavalo que anda direito  
Já foi bravo e inquieto,  
Onça que morde um sujeito,  
Talvez não lhe morda o neto.

“Vamos, pois, encomendemos  
Onças, muitas onçazinhas,  
E nos quintais as criemos,  
Como se criam galinhas”.

N.º 33  
29 DE OUTUBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Alá! por Alá! Cá tenho  
Inda nos tristes ouvidos  
O som duro, o som ferrenho,  
Destes termos desabridos:

“Os liberais padecemos  
Como os cristãos da Bulgária  
Padecem duros extremos  
Da turca espada nefária”.

E porque tenho uma veia  
Com sangue de Mafamede,  
Cousa que não acho feia,  
Que não desdoura, nem fede;

Juro que andei azoinado



Com o dito do estadista,  
Azoinado e envergonhado,  
Sem voz, sem sabor, sem vista.

Mas (Alá é grande!) agora,  
Agora, neste momento,  
Chegam notícias de fora,  
Da Bulgária e de espavento...

Vejo que o governo novo  
Daquele povo inquieto,  
Para aquietar o povo,  
Achou um meio discreto.

Convidou madre Censura  
Para rever os diários,  
Enterrando a unha dura  
Por modos crespos e vários,

Nos trechos em que apareça  
Opinião tão à toa,  
Que em tudo, se mostre avessa  
Ao que ela entender que é boa.

Assim podem os censores  
Riscando uma parte ou tudo,  
Fazer dos espinhos flores,  
Fazer do rudo veludo.

É pouco. Um dos jornalistas  
Tantas fez que foi pegado,  
E teve, de mãos artistas,  
Não pouco, nem moderado,

Castigo de tal volume  
Que era de ver... Cem açoites!  
Quase lhe levam o lume,  
Quase lhe dão boas noites.

E disseram-lhe ao soltá-lo.  
Que se voltasse à escritura,  
Haviam de castigá-lo,  
De outra forma inda mais dura.



Ora, o que me espanta nisto  
É que a gente que maltrata  
Os pobres filhos de Cristo  
São cristãos de pura nata.

Lá que impeçam tais diários,  
Acho até bom, não somente  
Nos dias incendiários,  
Mas nos de vida corrente.

Nunca veio mal de um mudo,  
E imprimir o que se pensa,  
Tudo, tudo, ou quase tudo,  
É desastre, não imprensa.

Assim, acho grão perigo  
Que, em obséquio ao Ramalho  
Ortigão, meu grande amigo,  
Honra do engenho e trabalho,

Desse a Gazeta, uma festa,  
De autores e jornalistas,  
Cerrada e longa floresta  
De opiniões e de vistas.

Conservadores sentados,  
Em frente a republicanos,  
E liberais afamados  
Ao lado de ultramontanos.

Gente ruim, gente feia,  
Merecia nessa noite,  
Não festa, porém, cadeia,  
Não Borgonha, mas açoite.

País de tal liberdade  
E tolerância tamanha,  
Vai com toda a alacridade  
Ao lodo, ao delírio, à sanha.

Olhemos para a Bulgária;  
Arruma, cristão amigo,  
Simples pancada ordinária,



Cem açoitos por artigo.

N.º 34

2 DE NOVEMBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Que fará, estando junto  
Sócrates a um hotentote?  
Falo de varão defunto,  
Pode sair livre o mote...

E, antes de mais nada, digo  
Que essa junção de pessoas  
Vi hoje mesmo em artigo  
Repleto de cousas boas.

O artigo é de sociedade  
Espírita e brasileira;  
Trata só da humanidade,  
É divisa sua e inteira.

Que eu já sou meio espírita,  
Não há negá-lo. Costumo  
Pôr na cabeça uma fita,  
Em vez do chapéu a prumo.

Chamo à vida uma grã bota  
Calçada pelo diabo;  
Quando escrevo alguma nota,  
Principio e não acabo.

Dou o João, velho amigo,  
Nascido em cinqüenta e sete;  
E ele, quando isto lhe digo,  
Todo se alegra e derrete.

E proclamam em recompensa,  
Que sou de cinqüenta e cinco;  
Rimo-nos em boa avença,  
Do meu brinco e do seu brinco.



Aqui há poucas semanas,  
Puxei fieira na rua,  
E comi sete bananas  
Com pimenta e linha crua.

José Telha, que no sótão  
Sustenta os seus macaquinhos,  
Crê que alguns deles se botam  
Para a casa dos vizinhos.

Mas eu respondo-lhe a cada  
Palavra com heroísmo,  
Que o que parece pancada,  
É simples espiritismo.

E, voltando à vaca fria,  
Sócrates era um sujeito  
De grande filosofia,  
Alta mente, heróico peito.

O hotentote, — conquanto  
Lembre uma Vênus famosa  
Pelo volumoso encanto,  
Mas tão pouco volumosa,

Comparada àquela raça,  
Tão pouco, como seria  
Uma uva a uma taça,  
A laranja à melancia;

O hotentote, em bestunto,  
É pouco mais que um cavalo,  
Dê-se-lhe um simples assunto,  
Mal poderá penetrá-lo.

Mas, sendo um e outro feitos  
Pela mesma mão divina,  
Força é que sejam perfeitos,  
Di-lo a grande Espiritina.

Daí a necessidade  
De andar a gente em charola,  
Não de cidade em cidade,



Mas de uma bola a outra bola.

Morre aqui algum peralta,  
Que furtou grandes dinheiros,  
Ressurge em bola mais alta,  
Entre os simples caloteiros.

Vai a outra, e paga em dia  
Todas as dívidas suas;  
Vai a outra, e principia  
A dar esmolos nas ruas.

Vai a outra, e já suprime  
As ruas; chega à perfeita  
Máxima pura e sublime  
De só saber a direita.

Sobe finalmente à esfera  
Onde uma sociedade  
De arcanjos lindos o espera,  
E o conduz à eternidade.

Ali Sócrates jocundo  
Receberá o hotentote,  
E falarão deste mundo,  
E glosarão este mote:

— Para que há de haver juízes  
Em Berlim, ou em outra parte?  
Têm aqui iguais narizes  
O inocente e Malazarte.

N.º 35  
8 DE NOVEMBRO DE 1877.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Vem cá, Gemma Cuniberti,  
Dize-me aqui a esta gente  
Quanto se deve ao Lamberti,



Exata, precisamente.

Que não és vereadora,  
Escrivã, nem magistrada,  
Bem o sei, minha senhora,  
A mim não me escapa nada.

Nem é preciso que digas  
Cousa alguma, não sabendo  
As somas novas e antigas  
Deste negócio estupendo.

Basta que me tenhas dado  
Rima para o italiano.  
Agora que está rimado,  
Volta à paz de todo o ano.

Pois saber exato, exato,  
Quanto é que lhe deve a gente,  
Não é só trabalho ingrato,  
É pôr um homem demente.

Uns dizem que cento e trinta  
Contos — outros, mil e tantos;  
Que isto se afirme ou desminta  
Enche o coração de espantos.

Esperta logo o desejo  
De não dar mais que um cruzado,  
Ou perder de todo o pejo  
E ir a um milhão quadrado.

Que, assim como nós quadramos  
As léguas, quadrar podemos  
O dinheiro que pagamos,  
Jamais o que recebemos.

Explico-me: a vereança  
Paga tarde e paga em dobro,  
Porque o credor, quando cansa,  
Não põe aos ímpetos cobro.

Mas para que o miserável



Contribuinte não gema,  
Faz-se-lhe grata e afável;  
Não é assim, minha Gemma?

Não põe aumento na taxa,  
Mormente se é baratinha;  
A taxa quanto mais baixa  
Parece mais bonitinha.

Desta maneira a fazenda  
Municipal, acusada,  
Não de torva, nem de horrenda,  
Mas só de desbarrigada,

Perde inteiramente o resto  
Da pele que traz nos ossos;  
Fica-lhe o corpo mais lesto,  
Já sem casca, só caroços.

Então é que é ver o ufano  
E gracioso esqueleto (Falemos italiano)  
Dançar o seu minuetto.  
Dançar não paga comida,

Nem vestido, nem calçado,  
Mas alegre um tanto a vida,  
E o gozo é tão pouco usado!  
O pior é se, na faina

Do ofício, os vereadores  
Arranjarem uma andaina  
De caixas e borradores.  
Pois não há maior desgraça,

Nem pior melancolia,  
Do que ter ostras na praça  
E a escrituração em dia.  
Ao menos, tudo confuso

Faz crer que inda poderemos  
Guardar um traste em bom uso...  
E então, evoé! bailemos!



N.º 36  
15 DE NOVEMBRO DE 1887.

Voilà, ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Ora, mal sabe a pessoa  
Que lê estas linhas toscas,  
Compostas assim à toa,  
Entregues ao prelo e às moscas,

Mal sabe o susto que tive  
Nas eleições da semana:  
Vi Cartago, vi Ninive,  
Vi além da Taprobana:

Por isso darei ao verso  
Certo tom grave e pausado,  
Diverso, muito diverso  
Do meu tom acostumado,

E, se não, amigo, veja:  
Batendo a hora do voto,  
Vesti-me e fui para a igreja  
Como um eleitor devoto.

Tinha comigo o diploma,  
E a lista dos meus eleitos,  
Fechada com boa goma,  
Juntinha, agarrada aos peitos.

Começou pela chamada ...  
Sei que sabe que ainda estamos  
Nesta usança desusada  
De só votar quem chamamos.

Dizia o mesário: — Antônio  
Vaz de Souza, e repetia, Depois:  
— Arlindo Theotônio  
De Vasconcellos Faria.

E Arlindo, que era presente,  
Levava o diploma aberto



Aos olhos do presidente,  
Votava, e rápido, e certo,

Escrevia o nome: — Arlindo  
Theotônio de Vasconcellos  
Faria. — Trabalho findo,  
Ia ao bife e ao Carcavelhos.

Mas o curioso, o incrível,  
O trágico, o inopinado,  
O que parece impossível  
E entanto foi praticado,

É que entre os nomes dos vivos  
Tinha nomes de defuntos,  
De tantos que ora, entre os divos,  
Gozam o descanso juntos.

E não defuntos de agora,  
Mas de alguns anos passados,  
Alguns que a pátria inda chora,  
Outros pouco ou mal chorados.

Essa chamada de mortos  
Trouxe-me um sono profundo,  
Fui sentindo os olhos tortos,  
E o mundo ao pé do outro mundo.

Primeiro vi Duque-Estrada  
Teixeira — chegar sombrio  
Para acudir à chamada  
Feita no seu pátrio Rio.

Vi depois o Azevedo  
Peçanha, vi a figura  
Do Buarque de Macedo,  
Labor, honradez, cordura.

Vi outros muitos, vi tudo,  
E, continuando o mistério,  
Vi, com gesto carrancudo,  
A história e o seu cemitério.



Numerar os esqueletos  
Que entrar vi na sacristia,  
Já bolorentos ou pretos,  
É obra que excede a um dia.

Vi César e mais as suas  
Válidas tropas, vi Galba,  
Maomé e as meias luas  
E os três Curiácios de Alba.

Nino vi, Giges, e aquela  
Semíramis, graça e fama,  
Cleópatra, e a donzela D'Orleans,  
Vasco da Gama, Pedro o

Grande, Henrique Oitavo,  
Amílcar, os comerciantes  
Cartagineses, Gandavo,  
Napoleão e Cervantes.

E vinham todos trazendo  
Uma cédula entre os ossos  
Ao mesário, que ia lendo,  
Os nomes desses destroços.

Sonho foi... Quando desperto,  
Não achei mais que o sacrista,  
A mesa vazia perto,  
Nem mais eleitor nem lista,

Tonto do meu pesadelo,  
Contei-o ao sacrista, e o moço  
Facilitou-me entendê-lo,  
Ambos à mesa do almoço:

— “Nada lhe aconteceria  
Se a lista dos eleitores  
Pudesse ter algum dia  
Revisão e revisores.

“Se fosse oportunamente  
Cada morto eliminado,  
Nenhum seria presente



E muito menos chamado.

“Mas, como a preguiça é grande  
E os trabalhos são massudos...  
E não há quem nisto mande...  
E os tempos andam bicudos...

N.º 37  
22 DE NOVEMBRO DE 1887

Voilà, ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Pessoas há... Por exemplo,  
Que vale um desfalque triste  
Cuja notícia contemplo?  
Acho que já nem existe.

Pois, entrados os cobritos,  
Desmancha-se a diferença,  
E o que eram terríveis gritos  
Chega a pura indiferença.

Pessoas há que detestam  
Rimas daquele feitio;  
São cadeias que molestam  
A inspiração, mais o brio.

Eu cá sendo, necessário  
Ir andando, vou andando;  
Rimo Corsário e corsário,  
E bando com contrabando,

Sem saber se o leitor gosta,  
Ou não dessa rima rica.  
Se eu quero a obra composta,  
Menos que fazer me fica.

Se não sair boa a quadra,  
Que saia, ao menos, completa;  
Lá, se lhe quadra ou não quadra,  
É queixar-se do poeta;



Não do triste gazeteiro,  
Que rói o tempo e trabalha  
Sem encontrar no tinteiro  
Qualquer assunto que calha.

Ninguém me dirá que as notas  
Falsas e germanizadas  
Valem nunca um par de botas,  
Novas ou acalcanhadas.

Pois que já tratara delas  
O cronista do costume,  
E ora são como panelas  
A que não resta chorume.

Nem elas, nem os debates  
Do Jockey-Club, e os palpites,  
Nem os terríveis combates  
De agudas encefalites.

De encefalites agudas,  
Das quais não escrevo nada;  
As rimas devem ser mudas,  
Quando a matéria é pancada.

E brigar por dois cavalos,  
Gastar suor, sangue e murros,  
Defendê-los, levantá-los,  
Para um amador de burros,

É completa maluquice.  
Eu amo os burros, capazes,  
Sem ardor nem casquilhice,  
Maduros desde rapazes.

Barulhos entre campistas?  
Cadeira de Torres Homem?  
São matérias de altas vistas,  
Que aos fracos olhos se somem.

Sobretudo, em medicina,  
Basta-me um só documento,  
Cousa séria, não mofina,



Obra séria e de momento,

A autópsia de um tal Garrido,  
Que foi achado enforcado,  
Sem ficar bem definido  
Se era ou não um suicidado.

Se sim ou se não — responde  
O auto que é impossível  
Achar por onde se sonde  
Esse problema terrível.

Mas, continuando a pena  
Naquele labor ingrato,  
De toda a descrita cena  
Conclui que houve assassinato.

É por isso que os problemas  
Nunca me meteram susto;  
São simples estratégias  
Que a gente desfaz sem custo.

Assim desfizesse o dano  
E a funda melancolia  
De não ser pernambucano!  
Teria visto, de dia,

Vênus, o astro, no Recife,  
Onde apareceu agora...  
Ah! tu rimas com patife,  
Tu, Recife de má hora!

Lembra a notícia que Enéias,  
Indo da troiana parte,  
Viu assim a flor de idéias,  
E assim a viu Bonaparte.

Foi o que li e acredito;  
Que eu creio em tudo o que leio,  
E como sigo um só rito  
Só leio aquilo em que creio.

Faça o leitor outro tanto;



Se não crê nesta Gazeta  
De Holanda, ponha-a num canto;  
E rimará com Gazeta.

N.º 38  
29 DE NOVEMBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Nascimento cura, cura,  
Curandeiro Nascimento;  
Curandeiro fura, fura,  
Fura-vida e fura-vento;

Pois que tens a liberdade  
De curar tantas mazelas  
Que devastam a cidade,  
Curar e viver por elas;

Tudo isso com quatro passes  
De evocação de defuntos,  
Que, sem que mostrem as faces,  
Todos ali falam juntos;

Espíritos diferentes;  
Um cura barriga da água,  
Outro arranca um ou dois dentes,  
Sem deixar sangue nem mágoa:

E mais que tudo, são grandes  
Em ler, como as adivinhas,  
Para o que, basta que mandes,  
Com tais e tais palavrinhas;

Nascimento (apre! que custa  
Desfiar um pensamento  
Verso abaixo! Custa e assusta).  
Dize-me cá, Nascimento,

Dize o que virá de Minas,



Se queijo, tabaco, ou lombo,  
Se cousas mais superfinas,  
Quem dá pulo e quem dá tombo.

Antes que tudo nos venha,  
Veio muita porcaria,  
Muita rixa e muita lenha,  
Pulso de gente bravia.

Palavreada sem estilo...  
Ao menos, se os escritores  
Nos fizessem ler aquilo  
Com alguns poucos lavores,

Dariam à pobre gente  
Que vive de outros negócios  
Um recreio de patente  
Para entreter os seus ócios.

Então, padecesse o Veiga,  
Calmon, Santa Helena e o resto,  
Para uma pessoa leiga  
Era um gosto puro e honesto.

Lia em boa e sã linguagem  
Que o vizinho era um modelo  
De ignorância e parolagem,  
Um papagaio e um camelo.

E, vice-versa, diria  
O vizinho assim tratado,  
Que a maior patifaria  
Tinha no outro o grão-mestrado.

Eram certamente afrontas,  
Mas rendilhadas, cobertas  
De corais e finas contas,  
Menos que afrontas, ofertas.

Ah! mas justamente é isso  
O que faria à polêmica  
Perder o melhor feitiço,  
E pô-la inválida e anêmica.



E por que tanto barulho?  
Para ter lugar marcado  
Na casa, que é nosso orgulho,  
E a que chamamos senado.

Que vale a pena, isso vale!  
Ponham-me ali já eleito  
Pela serra ou pelo vale,  
E verão se não aceito.

Aceito, fico e sustento,  
Com alma, com heroísmo,  
Esse forte monumento,  
Flor do parlamentarismo.

Uma só condição, uma,  
Para pleitear aquilo  
Descompostura nenhuma,  
Ou nenhuma, ou com estilo.

N.º 39  
6 DE DEZEMBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Peguei da mais rica pena,  
Molhei-a na melhor tinta,  
E fiz uma cantilena:  
"Tinta que repinta e pinta".

Que haja nisso algum sentido,  
Livre-me Deus de escrevê-lo;  
Sentido, bem entendido,  
No sentido de entendê-lo.

Mas que há nessa linha escura  
Uma íntima harmonia  
Com tudo o mais que se apura  
De tantos casos do dia,



Isso é que não há negá-lo,  
Exceto se uma pessoa  
Quiser fazer de cavalo,  
Assim, sem mais nada, à toa.

Pois não andou toda a gente  
Com a imaginação acesa,  
Em busca do presidente  
Da República Francesa?

Havia apostas. Um era  
Ferry, outro — homem de espada,  
Outro Freycinet quisera,  
Outro — Floquet, outro — nada.

E de tanta gente oposta  
Sai um que a ninguém havia  
Feito cuidar em aposta,  
Se seria ou não seria...

Já sei... Não me explique, amigo;  
Não seja de uns desfrutáveis  
Que juram sempre consigo  
Explicar os explicáveis.

Por exemplo, não me explique  
O Ney, nem a delicada  
Ação que faz com que fique  
Toda a idade pasmada.

Essa jóia, esses quinhentos  
Mil réis dados de pronto,  
Como quem espalha aos ventos  
Palavras leves de um conto,

Ação foi de grande siso;  
Ter-se entre duas pilhérias  
Ney, o marechal do riso,  
Consolador de misérias.

E muitos pasmados ficam,  
Por não crer que alguém possua  
Cobres que se multiplicam



E os lance estéreis à rua.

Depois disto vem aquilo  
Que a nenhum de nós consola,  
Nem deixa a ninguém tranqüilo,  
Nem traz figura de esmola.

Refiro-me às ameaças  
Da Amazônia, que deseja,  
Resguardar as suas graças  
Do nosso amor, salvo seja.

Tudo porque há um sujeito,  
Cardoso, ou cousa que o valha,  
Que, não sei por que respeito,  
Na tarefa em que trabalha,

Brigou com outra pessoa,  
E os dois, que podiam juntos  
Fazer muito cousa boa,  
Em variados assuntos,

Agora não fazem nada;  
Pregam-me até esta peça  
De pôr a quadra acabada  
Pendente da que começa.

Depois, daquilo, aquil'outro,  
Expressão que ficaria,  
Não rimando (e mal) com potro,  
Sozinha, sem companhia.

Aquil'outro é a abundância  
De roubos eclesiásticos,  
Feitos com a petulância  
Dos grandes dedos elásticos.

Sacrílegas limpaduras  
Da casa de Deus — dos ouros,  
Das pratas sacras e puras...  
Naturalmente, só mouros.

Mouros — sejam da Mourama,



Ou mouros da Cristandade,  
Que os há de uma e de outra rama  
Por toda essa humanidade.

Não foram seguramente  
Os capoeiras da rua  
Que matam e francamente  
Pela forte gente sua.

Adeus, versos duros, frouxos,  
Sem inspiração nem graça,  
Obra destes dias coxos,  
Furtados e sem chalaça.

Por isso peguei da pena,  
Por isso a molhei na tinta,  
E fiz esta cantilena:  
“Tinta que repinta e pinta!”

N.º 40  
14 DE DEZEMBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Por Júpiter! Cobre o rosto.  
Risonha Hélade amiga,  
Cobre-o de pejo e desgosto;  
Chora a tua graça antiga.

Lembras-te daqueles tempos,  
— Da galante mocidade,  
Em que eram teus passatempos  
Grave e fina agilidade?

Em que as tuas formas belas  
Mostravam-se aos olhos puros,  
Tempos quase sem mazelas,  
Quase sem dias escuros?

Então floresciam jogos



De toda casta e destino,  
E coros cheios de rogos  
Ao céu e ao povo divino.

Já não falo dos famosos  
Jogos de corridas — quando  
Voavam carros briosos  
Pelo solo venerando.

Falo (e serve ao que ora trato)  
Falo daquelas usanças  
Em que vinha o pugilato  
Entre cantigas e danças.

Seguramente que havia  
Pancada — porém pancada  
De valor e bizzarria  
Por uma cousa sagrada.

Eram modos e maneiras  
De lutar de língua e punho,  
Traziam tantas canseiras,  
Grécia, o teu amável cunho.

E agora, ai, chora pitanga!  
Pitanga é fruta moderna,  
Mas a qualquer mágoa ou zanga  
Qualquer fruta é fruta eterna.

Contudo, se não te agrada,  
Chora aquele mel do Himeto,  
Que inda agora a abelha amada  
Verte ao comum e ao seletto.

Chora o que for, chora, chora...  
Vês este grego, chamado  
Manuel Rottas, que aqui mora?  
Foi há pouco encarcerado.

Que pensas tu que fazia  
Este filho tão malandro,  
Em cujas veias podia  
Correr sangue de Lisandro?



Ouve... fecha os olhos...  
Cobre O belo rosto, faceira;  
Não há cautela que sobre...  
Rotas era capoeira.

Sim, capoeira, repito.  
E cometia na praça  
Das Marinhas o delito  
De dar aos colegas caça.

Chamavam-lhe por gracejo  
O grego das ostras, nome  
Que em si mesmo não dá pejo,  
Antes creio que dá fome.

Grego e capoeira! Ó manes  
Dos seus avós acabados!  
Ó recordações inanes  
De outros tempos e outros lados!

Bem conheço que, assim como  
Cada roca tem seu fuso,  
Cada macieira seu pomo,  
Tem cada terra seu uso.

Nem é o uso que me espanta  
Espanta-me esse contraste  
Da terra e da sua planta,  
Da habitação e do traste.

Bem sei que a Grécia recente  
É outra da Grécia antiga,  
Mas no coração da gente  
És a mesma, Hélade amiga.

E por mais que a razão pura  
Mostres que ora estás mudada,  
Espanta-me esta figura:  
Rasteira, grego e facada.



N.º 41  
20 DE DEZEMBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Nos quoque gens sumus, digo  
Sem nenhum acanhamento;  
Se é moda, eu a moda sigo;  
Se é vento, acompanho o vento.

Não somente ao literato  
Cabe descobrir mistérios;  
Eu sou curioso nato,  
Tão sério como os mais sérios.

Et quoque cavalgare  
Sabemus, como ia expondo;  
Lá se acaso errar, errare  
Humanum est, respondo.

Eu, — não é porque me gabe,  
Mas acho que o elogio  
De um tio muito mais cabe  
Na boca do próprio tio.

Esperar que outras pessoas  
Descubram seus pensamentos  
E cantem honrosas loas  
Aos nossos merecimentos,

Palavra que me parece  
Negócio muito arriscado;  
Este cala, aquele esquece,  
Nada fica publicado.

Vamos ao caso. Há dois dias  
Recebi este bilhete  
Do meu amigo Mathias,  
Residente no Catete:

“Pois que já fomos colegas,  
Manda-me a razão bastante



Por que se diz: “cá o degas”.  
Não corri à minha estante,  
Corri à pena e ao tinteiro,

Porque trazia comigo  
O histórico verdadeiro  
Do que me pede este amigo.  
E aqui lhe conto, — deixando

Que riam maus e praguentos:  
Ouço o riso e vou andando  
Cá com os meus bolorentos.  
Ora bem, ninguém ignora,

(Menos que ninguém, Mathias)  
Que houve um grande  
Egas outrora,  
Varão de alias bizarras.

Afonso, meio enteado,  
De um tal Peres, se encastela  
Em Guimarães já cercado  
Pelas forças de Castela;

Vai então Egas, pensando  
Em livrar o rei, caminha  
Para o castelhano infando  
E segreda-lhe ao que vinha.

Vinha prometer que o moço  
Afonso obedeceria,  
Sem mais sangue nem destroço.  
Castela creu no que ouvia

Mas logo que os castelhanos  
Daquele sítio abalaram,  
Afonso e os seus lusitanos  
Entregar-se recusaram.

Que faz o grão Egas?  
Vendo Que faltara ao prometido,  
Faz sacrifício horrendo,  
Ele, pai, ele, marido.



Vai com a família, e dá-se  
Ao inimigo. Ação única!  
Outra não há que a ultrapasse,  
Ou esta fé, ou fé púnica.

Tempos vindos, tempos idos,  
Entrou no povo esta fala,  
Quando alguém os ofendidos  
Brios punha em grande gala:

“Cá o Dom Egas não há de  
Deixar de cumprir a jura”.  
Depois a celeridade  
Do tempo, que tudo apura,

Foi diminuindo o adágio,  
Perdeu-se o jura primeiro  
E foi crescendo o naufrágio  
Do primeiro ao derradeiro.

Já no século passado  
Ia em tais e tantas penas  
Que ficou — do que era usado,  
Cá o Dom Egas” — apenas.

Mas o Dom tanto se escreve  
Na forma acima apontada,  
Como por outra mais breve,  
Um D, um ponto e mais nada.

Daí resultou que o povo,  
Lendo, como lê, às cegas,  
Faz um dito inda mais novo  
E ficou só: — “Cá o degas”.

N.º 42  
28 DE DEZEMBRO DE 1877.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Eu cá, quando toda a gente



Chora ou treme de assustada,  
Tenho um desejo veemente  
De dar uma gargalhada.

E a razão, — se há razão nisto,  
Não é senão porque é útil  
Fazer deste mundo um misto  
De terrífico e de fútil.

Outrora o teatro dava,  
Ao riso afrouxando a rédea,  
Depois de uma peça brava,  
Uma farsa, uma comédia.

Acabado o Aristodemo,  
Vinha uma ária do Martinho;  
Ao fel que chorava o demo,  
Ao fel que sucedia o vinho.

Eu não, eu misturo tudo,  
De modo que cada grito,  
Angustioso ou sanhudo,  
Não nos traga um faniquito.

Ou então uso o contrário;  
Quando é geral alegria  
Solto o verbo funerário  
E misturo a noite e o dia.

Para não irmos mais longe,  
Ninguém dirá que passamos  
Uma existência de monge,  
Que rezamos, que choramos.

Antes vejo anunciados  
Bailes de vários feitios,  
Teatros abarrotados  
De cristãos e de gentios.

Malgrado o sol e a poeira,  
Corridas de bons cavalos;  
Toda uma cidade inteira  
Brincando sem intervalos.



Pois é justamente agora  
Que eu, por integrar a vida,  
Deito a vista para fora,  
Desordenada, insofrida.

E, ao ver do lado do norte  
Aquele pobre diabo  
Que encontrou comprida morte  
Onde torce a porca o rabo;

Que foi com rara presteza,  
Agarrado, arrebatado,  
E com toda a ira acesa,  
Crucificado e esfolado;

Vingando a sorte, vingando  
Aquela porca mesquinha  
Que, em suas roças entrando,  
Foi morta e não foi rainha;

E, ao lado do sul, a dama  
Que à preta engolir fazia,  
Não garoupa sem escama,  
Nem doce, nem malvasia;

Mas comidas singulares,  
Não feitas por encomenda,  
E a beber com tais manjares  
Vinho de outra pipa horrenda;

E se a boca recusava  
O petisco enjoativo,  
Tição aceso lhe dava  
Novo e forte aperitivo;

Sem contar a bordoada,  
Que as rijas carnes alanha,  
E era a música obrigada  
Daquela ceziata estranha;

Às pressas trago estas duras  
Histórias com que tempero  
As folias e aventuras,



E ato ao jovial o fero,

Para que, quando tomarmos  
No Pascoal alguma cousa,  
Ou algum colar mirarmos  
Na loja do V. de Souza.

Digamos: — P’ra lá, menina,  
Menina in-oitavo, in-fólio,  
Dá cá tua mão divina  
Ao teu amador Malvólio.

N.º 43

3 DE JANEIRO DE 1888.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la “Gazette de Hollande”.

Deus lhes dê muitos bons dias,  
Deus lhes dê muitos bons anos,  
Lençóis para as noites frias,  
Para as de calor, abanos.

Se é certo que os novos planos  
Melhoram as loterias,  
Convém evitar enganar,  
Devaneios e utopias.

Exemplo: as áreas vazias  
Estão dos tais soberanos  
Com que se pagam folias,  
Prazeres e desenganos.

Logo os ímpetos insanos  
De curar academias  
Com os tais calomelanos  
Das modernas francesias,

São custosas fantasias  
Para a arte e seus arcanos;  
Mil vezes as ferrovias  
E os carros americanos.



Façamos com que dois manos,  
Saindo às ave-marias De  
Ubá ou Curitibanos,  
Vão almoçar a Caxias.

Mas gastar novas quantias,  
Para ter alguns maganos  
Que pintem quatro Marias  
E as bodas de dois ciganos;

Ou meia dúzia de ulanos  
Entre bélicas porfias,  
Ou revoltas de oceanos...  
Sou seu criado Mathias!

Lá para ver agonias  
De um mártir, de dois tiranos,  
Conheço melhores vias:  
É ler casos mexicanos.

Se os Zeferinos ufanos  
Podem ser seguros guias  
Digam lá os paduanos;  
Não sou dessas freguesias.

São talvez cerrancerias,  
Chamam-me a flor dos marcianos,  
Cá vou pelas simpatias  
Cá dos meus paroquianos.

Neste tempo de pianos,  
Lembra-me ainda as poesias  
Em que falavam Albanos  
Com as pastoras Armias.

Então quando as minhas tias,  
Casadas com dois baianos,  
Tinham as peles macias,  
Inda sem rugas nem panos;

E nos meses marianos,  
Cantavam as melodias,  
Que os nossos peitos humanos



Enchem de melancolias;

Enquanto duras harpias  
Com a guerra dos Cabanos,  
Tiravam sangue às bacias,  
Além de outros muitos danos;

E as velhas tinham bichanos,  
Que eram as suas manias,  
E os primos Salustianos  
Iam às alcomanias;

Então as mesmas teorias  
Tinha a arte e seus fulanos:  
Tudo o que agora copias  
Copiaram veteranos.

E os fulanos e sicranos,  
Batizados noutras pias,  
Podiam ser Ticianos,  
Sem novas filosofias.

Concluo que as velharias,  
Como os tabacos havanos,  
Podem trazer alegrias  
A nós, como aos turcomanos.

Que mais? Bahias? Tucanos?  
São rimas de melodias...  
Deus lhes dê muito bons anos,  
Deus lhes dê muito bons dias.

N.º 44  
18 DE JANEIRO DE 1888.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Para quem gosta de sangue...  
Peço à leitora querida  
Não desmaie nem se zangue;



Não venho arrancar-lhe a vida.

A gente pode, em conversa,  
Dizer alguns nomes duros,  
Não por índole perversa,  
Nem maus costumes impuros.

Se achar algum dito horrendo,  
Não desmaie nem se zangue...  
Porém, como ia dizendo,  
Para quem gosta de sangue,

Houve-o em Moura, S. Fidélis,  
Grajaú, Piracicaba;  
Esfriam muitas peles  
Na própria grave Uberaba.

Ali, fogueira queimando,  
Muito antes de Santo Antônio,  
Cará de gosto execrando  
Para a boca do demônio.

Mais longe, uma catequese;  
Mais perto, uns tiros trocados...  
Quem souber rezar que reze  
Por alma de tais finados.

Eu, de todas essas cenas  
Que acaso coincidiram,  
E que outras melhores penas,  
Em prosa, já referiram,

Confesso que a de Uberaba  
Vale mais que outra nenhuma;  
Tem luz que se não acaba,  
Ensina e conforta, em suma.

Note-se que lá não houve  
Sangue propriamente dito,  
Omissão que é bom se louve  
Em vista de outro conflito.

E por quê? Porque um Sampaio



Que, pelo nome não perca,  
Para copiar o raio,  
Que voa, mas não alterca,

Logo que viu a gente armada  
Vociferando nas ruas,  
Disposta, pronta, assentando  
A ir a cenas mais cruas,

Bradar que ou lhe tiraria,  
Sem compaixão a existência,  
Ou ele a favorecia  
Nada mais que com a ausência,

Ele, coronel e cabo  
De partido, achou cabido  
Não afrontar o diabo  
Na gente do outro partido.

Saiu; logo a gente amiga  
Para trazê-lo de novo,  
Cuidou de uma vasta liga  
E andou ajuntando povo.

De modo que, se lá volta,  
Havia provavelmente  
Nova e sangrenta revolta,  
Em que morreria gente.

Poupou-se uma cena crua;  
Sampaio ficou de fora.  
Tem casa ali, casa sua;  
Morava; já lá não mora.

Porém onde a luz do caso?  
Que há aí que conforto e ensine?  
Escute, ou vai tudo raso,  
Depois de escutar, opine.

A luz é que tem Sampaio,  
Com a maior segurança,  
Nas mãos um futuro ensaio  
De desforra e de vingança.



Ponha-se de lá à espreita  
De ocasião valiosa,  
E vá com a sua seita  
Contra o Borges, contra a Rosa,

Contra o Marques e os capangas  
Ponha-os fora da cidade,  
E entre vivas e charangas  
Fique em paz e em liberdade.

Virá dia em que eles troquem  
As bolas contra Sampaio,  
E a toque de caixa o toquem  
Nas asas de novo raio.

Fuja então; de novo espreite,  
E a murro e a tiro os disperse,  
Tranqüilamente se deite  
E alegremente converse.

E assim, aumentando a soma  
Das proscricções alternadas,  
Uberaba será Roma,  
Ambas imortalizadas.

Ora Mário, agora Sila,  
Um de dentro, outro de fora,  
Ante-fila ou serra-fila,  
Ora Sila, Mário agora.

E não haverá na vida,  
Na vida em que tudo acaba,  
Cousa mais apetecida  
Que ir viver para Uberaba.

N.º 45  
4 DE FEVEREIRO DE 1888.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".



Não, senhor, por mais que possa  
Achar censura, confesso  
Que não tenho medo à troça,  
Referindo este sucesso.

Há muito que me pejava  
Da boteeira que tenho,  
Cava, inteiramente cava;  
Sem qualquer sinal de engenho.

De serviço ou caridade,  
Cousa que haja merecido  
A particularidade  
De me fazer distinguido.

Não é que imitar quisesse  
O José Telha, que corre  
Por fita que não merece,  
E se lh'a não derem, morre.

Não quis hábito da Rosa,  
Cristo nem Pedro Primeiro,  
Avis ou mesmo a famosa  
Fita do grave Cruzeiro.

São moedas da coroa,  
E eu, democrata, não devo  
Expor a minha pessoa  
A ser contrária ao que escrevo.

Mas então, de que maneira  
Preencheria o vazio  
Desta minha boteeira  
Sem diminuir o brio?

O que desde logo acode  
É por uma flor bonita,  
Ou Rosa ou cravo, que pode  
Suprir muito bem a fita.

Porém, dêis que a alma nossa  
Tem casaca e bem talhada,  
Preciso é fita que possa



Encher-lhe a casa sem nada.

Mas que fita? em que armarinho  
Recente podia havê-la?  
Encontrei logo o caminho:  
Corri a Venezuela.

Venezuela tem uma  
Ordem muito bem disposta,  
Com que premiar costuma,  
Costuma, procura e gosta.

Tem grã-cruzes, tem comenda,  
Tem dignitárias e o resto.  
Há para todas as prendas  
Um sinal brilhante e honesto.

Ordem é mui bem fundada  
Sobre a liberdade amiga,  
Grave como a Anunciada,  
Como o Banho, como a Liga.

Simão Bolívar se chama,  
Grande nome e livre nome;  
Coroou-o eterna fama  
Do louro que se não some.

A venera é justamente  
Como são outras veneras,  
Usa-se ao colo pendente,  
Ao peito, em forma de esferas.

A fita é de chamalote,  
Como são as outras fitas,  
Não é certo que desbote  
E tem as cores bonitas.

Quanto ao efeito no rosto  
Da multidão é perfeito;  
Dá o mesmo grande gosto  
E o mesmíssimo despeito.

Corri a Venezuela,



Venezuela escutou-me,  
Pude logo convencê-la,  
Ouviu-me, condecorou-me.

Não é só a monarquia  
Que tem plantas reverendas;  
Vento da democracia  
Também faz brotar comendas.

N.º 46  
10 DE FEVEREIRO DE 1888.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Eu, acionista do Banco  
Do Brasil, que nunca saio,  
Que nunca daqui me arranco,  
Inda que me caia um raio,

Para saber como passa O  
Banco em sua saúde,  
Se alguma cousa o ameaça,  
Se ganha ou perde em virtude.

Li (confesso) alegremente,  
Li com estas minhas vistas,  
O anúncio do presidente  
Convocando os acionistas.

Para quê? Para o debate  
Do reformado estatuto,  
Obra em que há de haver combate,  
Que traz gozo, que traz luto.

Pois nesse anúncio, à maneira  
De censura, escreve o homem  
Que é já esta a vez terceira  
Que chama e que eles se somem.

Minto: sumiram-se duas.



Não tem culpa o anunciante,  
Se há necessidades cruas  
Do metro e de consoante.

Pela vez terceira os chama,  
E agora é definitivo,  
Muitos que fiquem na cama,  
Um só punhado é preciso.

Mas eu pergunto, e comigo  
Perguntam muitos colegas,  
Que, indo pelo vezo antigo,  
Não vão certamente às cegas;

— O acionista de um banco,  
Só por ser triste acionista,  
É algum escravo branco?  
Não tem foro que lhe assista?

Não pode comer quieto  
O seu costumado almoço,  
Debaixo do próprio teto,  
Velho já, maduro ou moço?

Barriga cheia, não pode  
Dormitar o seu bocado,  
Para que o não incomode  
O que tiver almoçado?

Pois então a liberdade  
Que tem toda a outra gente  
Cidadã, meu Deus, não há de  
Tê-la esta pobre inocente?

É certo que os diretores  
Do Banco são reduzidos  
A quatro, e que outros senhores  
Vão a menos: suprimidos.

Em tal caso, é razão boa  
Para que, firmes, valentes,  
Compareçam em pessoas  
Diretores e gerentes.



Res vestra agitur. Justo.  
Mas que temos nós com isto?  
Para que me metam susto  
Só outra cousa, está visto.

Sim, o que algum susto mete,  
Transtorna, escurece, arrasa,  
Não é que eles sejam sete  
Ou quatro os chefes da casa.

Sejam sete ou quatro, ou nove,  
Disponham disto ou daquilo,  
É cousa que me não move,  
Posso digerir tranqüilo.

Porquanto, digo, em havendo  
Nas unhas dos pagadores  
Um bonito dividendo,  
Que nos importam divisores.

Tenham estes cara longa,  
Cabelo amarelo ou preto,  
Nasceram em Covadonga,  
Em Tânger, em Orvieto;

Usem de barbas postiças,  
Ou naturais, ou nenhuma;  
Creiam em sermões, em missas,  
Ou na sibila de Cumas;

Para mim é tudo mestre,  
Contanto que haja, certinho,  
No fim de cada semestre  
O meu dividendozinho.

N.º 47  
16 DE FEVEREIRO DE 1888.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".



Talvez o leitor não visse,  
Entre editais publicados,  
Uma boa gulodice?  
Abra esses beiços amados.

Vamos, não tenha vergonha,  
Estenda agora a lingüinha,  
Para que esta mão lhe ponha  
Sobre ela esta cocadinha.

Disse nesse documento  
A câmara que é vedado  
Usar o divertimento  
Entrudo, como é chamado.

Impôs as palavras duras  
Do parágrafo e artigo  
Do código de posturas,  
Código já meio antigo.

A mim disse que a pessoa  
Que outras pessoas molhasse,  
Fosse a água má ou boa  
Que das seringas jorrasse,

Incorreria na multa  
De uns tantos mil-réis taxados,  
E não ficaria inulta,  
Se os não desse ali contados.

Porque iria nesse caso  
Pagar suas tropelias  
Na cadeia, por um prazo  
De (no mínimo) dois dias.

E as laranjas, que se achassem  
Na rua ou na estrada à venda,  
Mandava que se quebrassem,  
Como execrável fazenda.

Laranja, bem entendido,  
Laranja, própria de entrudo,



Um globo de cera, enchido  
Com água... às vezes, com tudo.

Ora, se o leitor compara  
A exemplar compostura  
Do povo (exemplar e rara)  
Com o dizer da postura;

Se adverte que uma só pinga  
De água não caiu na gente,  
Que não houve uma seringa  
Para acudir a um doente;

Que o belo colo das damas  
Não viu o gesto brejeiro  
De apagar-lhe internas chamas  
Quebrando um limão de cheiro;

Conclui logo que a cidade  
Obedece, antes de tudo,  
A si (porque a edilidade  
É ela) e deixou o entrudo.

Porém eu, que vi, em todos  
Os anos, isto na imprensa,  
Já desde o tempo dos godos  
(João, com tua licença!);

E que, apesar de postura,  
Vi seringas respeitáveis  
De água cheirosa e água pura,  
Terríveis e inopináveis;

Crioulas e molequinhos  
Carregando em tabuleiros  
Prontinhos e arrumadinhos  
Infintos limões de cheiro;

Eu diversamente opino,  
E digo que a lei se engana,  
Se cuida ter no destino  
Alguma ação soberana.



Recorda a mosca pousada  
Na carroça, diz a fama,  
Que, ao vê-la desatolada,  
Cuidou tirá-la da lama.

Não, amiga lei. O entrudo  
Desapareceu um dia  
Entre calções de veludo,  
Carnavalesca folia.

Reapareceu mais tarde;  
Vingou por bastantes anos,  
Com estrondo, com alarde,  
Triunfos grandes e ufanos.

Chega a polícia de novo  
E desterra o velho entrudo;  
Troca de brinquedo o povo,  
Fica somente veludo.

Mas quando houverem passado  
O tempo e a policia, a ponta  
Da orelha do desterrado  
Entre bisnagas aponta.

E porque legem habemus,  
Seja branda ou seja dura,  
Anualmente veremos  
A mesma inútil postura.

N.º 48  
24 DE FEVEREIRO DE 1888.

Voilà ce que l'on dit de moi  
Dans la "Gazette de Hollande".

Juro-lhe, meu caro amigo  
Leitor, pelo que há sagrado,  
Que eu, que a triste regra sigo  
De viver apoquentado;



Que suporte as sanguessugas  
Humanas e desumanas,  
Que não ganhei estas rugas  
Em redes e tranquitanas;

Que aturo todo o importuno,  
Que me refere a maneira  
Por que o demo de um gatuno  
Lhe foi levando a carteira;

Ou me conta tudo, tudo  
(Mas tudo!) o que há padecido,  
Para que, após longo estudo,  
Ver que foi indeferido;

Que com ânimo quieto,  
Leio, depois de almoçado,  
Tudo o que sobre o arquiteto  
Magalhães se há publicado;

Juro-lhe, leitor, repito,  
Que cometer não quisera  
O mais pequeno delito  
Que este mundo haver pudera.

Furtar um par de galinhas,  
Dizer algum nome feio,  
Chegar mesmo às facadinhas,  
Dar dois cachações e meio.

Não porque a moral condene  
Tais atos; condena, é certo,  
De um modo grave e solene,  
Determinativo e aberto;

Nem também porque, somadas  
As contas, mais ganha a gente  
Passando as horas caladas  
No belo sono inocente.

Não, senhor; outra é a causa,  
É outra, uma certa lista,  
Que é preciso ler com pausa,



Mente clara e clara vista.

Do rol dos processos digo  
Que ao tribunal dos jurados  
Foram, para seu castigo,  
Inda agora apresentados.

Que traz esse rol? Descubro  
Entre outros muitos nomes  
Que em oitenta e seis, outubro,  
Foi preso um Antônio Gomes.

Pronunciado em janeiro  
De oitenta e sete, entra agora  
No julgamento primeiro  
Do que fez em tão má hora!

Mais três, um Afonso Rosa,  
Um Coelho, uma tal  
Francisca Xavier, trempe graciosa,  
Ao parecer, pouco arisca.

Visto que foi agarrada  
Logo em março, dezessete,  
Em março pronunciada,  
Em março de oitenta e sete!

Há também na lista um certo  
Francisco Peres Soares,  
Já em abril descoberto  
E mandado a tomar ares;

O qual logo em maio teve  
Pronúncia do seu delito;  
Fez um ferimento leve,  
Foi preso ao som de um apito.

Ora, com franqueza, vale,  
Ser criminoso em tal era?  
Uma peça de percale  
Paga tão comprida espera?

Um tabefe, uma rasteira,



Mesmo uma canivetada,  
Pagou de alguma maneira  
A espera desesperada;

Portanto, e vistos os autos,  
Dou de conselho prudência,  
E digo aos homens incautos  
Que inda o melhor é a inocência.

FIM



# HUMANISMO QUE TRANSFORMA